



CRB

## Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

### HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

### PRIORIDADES

#### 1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

#### 2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

#### 3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

#### 4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase no diálogo intergeracional, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



- Vida Consagrada e Ano da Fé
- Igreja nazarena e Vida Religiosa
- A Palavra raiz da profecia
- Pobres de Espírito

## Sumário

### Editorial

Pobres de espírito a serviço do Reino.....593

### Informes

A Vida Religiosa no Brasil, o Papa Francisco e a Jornada Mundial da Juventude!  
RONALDO MAZULA .....595

Vida Consagrada e Ano da Fé: um comentário a *Porta fidei* 8 e 13  
DELMAR CARDOSO ..... 608

### Artigos

“As irmãs são o rosto de Deus para nós!” Origem e missão dos levitas: uma luz  
de Deus para nós religiosas e religiosos  
CARLOS MESTERS .....615

Igreja nazarena e Vida Religiosa  
VÍCTOR CODINA .....631

A Palavra raiz da profecia  
HELENA T. RECH ..... 642

“Pobres de Espírito”  
LUÍS I. J. STADELMANN ..... 652



### CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB  
ISSN 0010-8162

#### DIRETOR

Ir. Paulo Petry, fsc

#### EDITOR

Ir. Lauro Daros, fms

#### REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj  
MTb 2122

#### CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, sst  
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Pe. Cleto Caliman, sdb  
Pe. Jaldemir Vitório, sj  
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

#### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília – DF  
Tel.: (61) 3226-5540 – Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

#### Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

#### Coordenação de revisão:

Marina Mendonça

#### Revisão:

Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

#### Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

#### Ilustração da capa:

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Assinatura anual:** Brasil: R\$ 110,00  
Exterior: R\$ 160,00 • Números avulsos: R\$ 11,50



## ASSINATURAS

*Prezado(a) assinante,*

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 110,00 (para o Brasil)
- R\$ 160,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site [crbnacional.org.br](http://crbnacional.org.br), imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

**[convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)**  
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**  
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

Estimados leitores e estimadas leitoras da *Convergência*, alegria e paz em Cristo! Maravilhas do pensamento, maravilhas da escrita. Belos e profundos textos tornam a *Convergência* uma preciosa revista para a Vida Religiosa.

A seção Informes oferece dois textos: “A vida religiosa no Brasil, o Papa Francisco e a Jornada Mundial da Juventude”, do Pe. Ronaldo Mazula, e “Vida Consagrada e Ano da Fé”, do Pe. Delmar Cardoso.

No primeiro texto, o autor pergunta: “Qual o significado da JMJ e dos ensinamentos do Papa Francisco para a VRC brasileira? Temos algo a aprender com estes eventos? Creio que eles têm muito a nos dizer”. Pe. Ronaldo enfoca o texto em dois temas: a partilha de algumas impressões de religiosos participantes da JMJ e alguns ensinamentos para a VRC atual a partir dos discursos e ensinamentos do Papa Francisco.

O segundo texto traz duas menções à Vida Religiosa Consagrada (VRC) em *Porta fidei*, a carta apostólica com a qual Bento XVI proclamou o *Ano da Fé*. A primeira das menções aparece através da alusão às “comunidades religiosas” (cf. *Porta fidei*, 8), as quais são convocadas ao lado das comunidades paroquiais e todas as realidades eclesiais, antigas e novas, a encontrar modos e formas de fazer publicamente a profissão do Credo cristão. A outra menção feita em *Porta fidei* à VRC aparece no número 13. Nele, Bento XVI convida-nos a repassar durante este ano a “história da nossa fé, que faz ver o mistério insondável da santidade entrelaçada com o pecado” (*Porta fidei*, 13).

Na seção Artigos, o primeiro texto é de Frei Carlos Mesters: “As irmãs são o rosto de Deus para nós!” Origem e missão dos levitas: uma luz de Deus para nós religiosas e religiosos”. Segundo o autor, a história da origem dos levitas pode trazer uma luz para a VR hoje. Ela pode abrir uma nova janela sobre o rumo da nossa vida como consagrados. Pode servir de espelho que nos confirma e também nos critica, nos anima e também nos leva a dar mais um passo.

No texto seguinte, “Igreja nazarena e Vida Religiosa”, Pe. Víctor Codina faz um paralelo entre a Igreja davídica e a Igreja nazarena. Se existe na Igreja um carisma que quer voltar continuamente às raízes da vida cristã e do seguimento de Jesus de Nazaré, a uma Igreja nazarena, é o carisma da Vida Religiosa. Tudo quanto se diz sobre a Igreja nazarena se aplica perfeitamente à VR.

“A Palavra raiz da profecia”, texto de Ir. Helena T. Rech, questiona “O que é a ‘Palavra’ de Deus?”. Segue dizendo a autora que o sinal acompanha a palavra. Se alguém diz que ama, a palavra necessita ser acompanhada de um sinal. “A Palavra não é ‘coisa’ isolada da realidade, mas é realidade visível, sensível e palpável, que se pode tocar, torna-se materializada e materializante. Para o povo no deserto, a Palavra é água, pão, carne.”

O último texto é do Pe. Luís Stadelmann: “Pobres de Espírito”. São Mateus designa Pobres de Espírito os que estão a serviço do Espírito, em vista do Reino dos Céus. De acordo com o autor, “a missão dos fiéis da Igreja de transmitir a Boa-Nova aos povos do mundo inteiro cabe aos ‘pobres a serviço do Espírito’, e não aos pregadores sectários que usurpam essa função para fins de proselitismo”.

Ler para abrir a mente. A mente, como o paraquedas, trabalha muito melhor quando está aberta. O livro dos Reis (5,9) diz que “Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias, e mente aberta como as praias do mar”. Mentes abertas e criativas para a construção do Reino de Deus.

LAURO DAROS, MARISTA

## A Vida Religiosa no Brasil, o Papa Francisco e a Jornada Mundial da Juventude!

“Ide e fazei discípulos entre todas as nações”  
(Mt 28,19)

PE. RONALDO MAZULA\*

### Introdução

O ano de 2013 ficará marcado na história da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. A “cidade maravilhosa” acolheu um dos eventos mais interessantes do mundo católico e cristão: a Jornada Mundial da Juventude, JMJ, ocorrida de 23 a 28/07/2013. A JMJ teve o tema “Ide e fazei discípulos entre todas as nações” (Mt 28,19) e foi também momento de participação, revisão e renovação para milhares de religiosos e religiosas do Brasil e do mundo todo.

Qual o significado da JMJ e dos ensinamentos do Papa Francisco para a VRC brasileira? Temos algo a aprender com estes eventos? Creio que eles têm muito a nos dizer. Por isso, neste artigo enfocarei dois temas: a partilha de algumas impressões de religiosos participantes da JMJ e alguns ensinamentos para a VRC atual a partir dos discursos e ensinamentos do Papa Francisco, que esteve tão presente e em plena comunhão com a JMJ, seus participantes e o povo do Brasil.

### 1. Depoimentos de religiosos e religiosas na JMJ

Participando da JMJ, testemunhei a grande alegria, entusiasmo e sentimento de jovialidade de religiosos e religiosas que saíram de suas comunidades e trabalhos missionários para participar deste evento tão marcante na vida de milhões de pessoas.

\* Pe. Ronaldo Mazula é Missionário Claretiano



Confirmam os depoimentos a partir da seguinte pergunta: Qual o significado da JMJ-2013 para a Vida Consagrada?

1. “Momento de vida e alegria na qual pudemos confraternizar e viver a grande comunidade solicitada por Cristo. Para a VR, a JMJ tem como sentido a unidade de diversos carismas em um só objetivo que é o anúncio de Cristo e, de forma especial, com a vitalidade e a jovialidade juvenis que vêm ao nosso encontro para ensinar os novos caminhos de evangelização e nos observar como elementos de referência no seguimento de Cristo” (FHA, claretiano brasileiro).

2. “Para mim, a JMJ-2013, a primeira de que participo, foi uma maravilhosa experiência desse momento único, de encontro, de espiritualidade, de partilha de vida, de comunhão com toda a Igreja, com a encantadora, alegre, afetuosa, espiritual e firme presença do Santo Padre, Papa Francisco. Foi um momento de muitas graças, bênção, alegria e emoção. Creio que para a VR atual é um significativo momento de graça, entusiasmo, esperança, renovação, busca, mudança e encorajamento. Diante das abençoadas palavras do Papa Francisco a todos os jovens, senti a certeza de que a Igreja é viva, a VR é viva, é atuante, é jovem. Eu acredito que muitos dos jovens presentes naquele momento de graça sentiram um forte apelo de Deus, nas palavras do Papa Francisco, que dizia: ‘Sejam generosos para com Deus, dispostos ao serviço, sem medo de servir!’” (MOSS, religiosa orionita brasileira).

3. “A participação na JMJ inspira, além de um novo vigor vocacional e religioso, uma nova proposta de vivência do Evangelho, que passa pelas pequenas atitudes cotidianas. A figura do representante do Senhor, pela sua simplicidade, restaura na Igreja uma vivência concreta dos ensinamentos de Jesus, que passa pela opção por aqueles que estão nas periferias da sociedade e da Igreja. A reflexão e a proposta de abertura pelo diálogo com relação a alguns temas levam à esperança de uma Igreja mais humana e solidária que acolha seus fiéis na sua dignidade. Para a Vida Religiosa, acredito que a figura do Papa, pela sua imprevisibilidade e acolhida de todos, leva à reflexão diante da correria que torna

invisíveis pessoas concretas que esperam em nós palavras de conforto e direcionamento. Acima de tudo, um Papa religioso e humilde inspira e questiona a Vida Religiosa a sair dos seus muros, indo ao encontro dos mais esquecidos que, por estarem nas fronteiras, tornam-se invisíveis e in-existent. A vida religiosa, pelas palavras do Santo Padre e pelos seus gestos, deverá ter a coragem de transformar-se, deixando suas estruturas para arriscar-se na tentativa de uma vivência mais coerente e radical, assumindo o projeto de Jesus” (CPM, franciscana da penitência brasileira).

4. “Ao longo destes intensos dias vividos no Rio de Janeiro, em contato com os jovens dos grupos que acompanhava e dos milhares que aceitaram o chamado de ser discípulos e missionários, entendi, entre outras, duas coisas: 1. Hoje é suicídio para a Vida Consagrada distanciar-se dos jovens, por *medo* (ao crer que eles nos repelem), por complexo de incapacidade (ao não saber ajudá-los) ou por complexo de culpabilidade (ao crer que não somos suficientemente bons para eles). A *fuga iuventutis* pode ser uma reedição de uma grave *fuga mundi*. 2. Devemos deixar-nos converter pelos jovens. Eles são nossos mestres, porque nos tiram de nossas comodidades e rotinas, denunciam as nossas incoerências, nos exigem e motivam, tiram o melhor de nós mesmos... e nos pedem para viver com radicalidade e santidade o seguimento de Jesus como seus discípulos e missionários. Terminei a JMJ 2013 cansado, mas muito satisfeito. Estou próximo dos 60 anos, o que é ótimo para seguir trabalhando com os jovens” (JCM, religioso espanhol).

5. “A JMJ significou para a VR um grande chamado a continuar a radicalidade profética. O Papa Francisco nos pediu para sair às ruas, isto é, voltar à inserção como estilo de vida e missão. Significa que devemos seguir aprofundando uma Igreja inserida no meio dos pobres. A JMJ foi um momento kairótico para reconhecer que nosso anúncio do Evangelho entre os jovens deve responder aos sinais dos tempos, acompanhando-os em suas utopias para que não se deixem excluir, já que estamos no meio de um modelo econômico excludente que pretende tirar a dignidade

do ser humano, em especial dos jovens” (HRS, religioso colombiano).

6. “Para mim a JMJ é como uma semente. Por esta semente nascem: coragem para o povo e os jovens; coragem para os Religiosos indonésios testemunharem e proclamarem que Deus é amor na Ásia. Nasce também a simplicidade para todos os religiosos e religiosas. Nasce o amor ao próximo. Jesus nasceu na Ásia mas é pouco conhecido lá e poucos creem n’Ele. Por isso, pelo espírito da JMJ, os jovens têm coragem de testemunhar Jesus” (PL, religioso indonésio).

7. “Saibamos ouvir o grito indagador da juventude” (Me. Leônia). Esta frase me inspira a dizer que a JMJ para a Vida Religiosa foi um apelo profético de reaproximação e credibilidade nas juventudes que, com bravura, determinação e alegria, mostraram ao mundo o quanto querem levar a sério a VIDA; basta que lhes ofereçamos oportunidades e apoio. Foi o que nossos olhos viram e os nossos ouvidos ouviram e testemunharam durante a JMJ. Esse evento profético dos jovens, sob a assessoria orante e as palavras sábias do Papa Francisco, interpelam a Vida Religiosa, mais do que nunca, a recuperar a inspiradora ousadia dos fundadores e fundadoras que, a exemplo de Jesus, aproximaram-se dos jovens com bondade e alegria e os cativaram para Cristo. Deixemos que o fogo abrasador do Espírito do Ressuscitado abraze o nosso coração e, como os discípulos de Emaús, voltemos sem demora e com determinação à comunidade, para o meio da juventude lá onde se encontra e com ela façamos acontecer o novo na história, construindo uma Igreja peregrina, pautada no Evangelho, sem barreira ou preconceitos, onde todos são acolhidos pelo que verdadeiramente são: filhos e filhas muito amados de Deus. Que o Imaculado Coração de Maria nos ensine a trilhar esse caminho” (RAF, claretiana do Brasil).

8. “A JMJ foi um momento forte que me permitiu refletir sobre o encantamento e a paixão que Jesus inspira nos corações capazes de segui-Lo. Este foi um momento forte para ver a sede que o mundo tem de Deus, apesar de tudo que a sociedade moderna oferece atualmente. A VR tem muitos

meios para oferecer a esses corações sedentos a doação de um testemunho de vida cristã autêntica, feliz, amante de Deus e da Igreja. As palavras do Papa Francisco convidaram os jovens e os consagrados a seguir Cristo e a servi-Lo sem medo. Esta é a fonte de minha consagração como discípula e missionária de Cristo. O mundo precisa de Cristo; e os consagrados, por uma vida de oração e, sobretudo, pelo testemunho alegre de pertença total ao Senhor, podem direcionar os jovens e a humanidade para Cristo. Enfim, Cristo nos convida a construir uma Igreja e uma VR com comunidades fundadas sobre o amor, a solidariedade, a amizade e a fraternidade universal” (MEC, religiosa da Costa do Marfim).

## 2. *Ensinaamentos da JMJ e do Papa Francisco para a VR*

Não é fácil dimensionar o significado de um evento como a JMJ para a VRC! Mas uma certeza permanece: a VR está viva e atuante. Não obstante suas dificuldades atuais, testemunhei um grande vigor, entusiasmo e vontade de aprender e dialogar com as juventudes, com o mundo e com a Igreja.

Na Feira Vocacional, ocorrida na Quinta da Boa Vista, mais de 130 congregações e institutos religiosos, além de milhares de pessoas, estiveram nos *stands* vocacionais durante os quatro dias em que a Feira funcionou. Ali se percebia uma riqueza de carismas e dons do Espírito Santo que segue atuando na Igreja e criando novas famílias religiosas, com vários estilos (conservadores e restauracionistas, liberais e avançados, próximos aos empobrecidos, elitistas e burgueses).

Mas, também, em algumas conversas, percebi críticas em relação a certas posições do Papa Francisco. Explico-me: nas últimas décadas, muitos religiosos jovens e de meia-idade se acostumaram a receber ensinamentos com uma teologia sistemática e marcadamente europeia; muitos se acostumaram a uma forte dose de discursos clericalistas e sacramentalistas;

a se envolverem mais com celebrações litúrgicas e a ficar “dentro das sacristias” e dos claustros, numa segurança perigosa e ambígua. Assim, creio que se torna difícil, para alguns, acolher as mensagens do Papa Francisco, com forte marca pastoral e missionária, que pede aos religiosos e religiosas, e a toda a Igreja, que se lancem às ruas e periferias, façam uma opção clara pelos empobrecidos, sejam mais apostólicos e corajosos, mais missionários e audaciosos.

Sobre este tema, o Pe. Edênio Valle, padre verbita que acompanha e conhece muito bem a VR no Brasil, durante a Assembleia da CRB Nacional, ocorrida em julho de 2013, em Brasília, concedeu uma entrevista, veiculada no dia 14/08/2013, na qual fazia este comentário:

Em São Paulo, pelo menos, os Colégios já não evangelizam mais. Eu sempre defendi na minha congregação: “Vamos vender esses Colégios e dar esse dinheiro aos pobres, por meio de obras inteligentes, de cultivo da espiritualidade, do conhecimento do Evangelho, das práticas cristãs, da vida, para ajudá-los a assumir a sua condição de povo”. Eu sinto que a caminhada continua... É preciso escutar o grito que vem das ruas. Nós não temos ninguém trabalhando na “cracolândia”, com tantas congregações de educadores. É preciso voltar à missão, construir comunidades de base. O grande sinal que a vida religiosa não reconheceu foi esse: voltar à missão. E acontecerá com esse Papa. Ele está provocando isso. Haverá uma oposição muito grande e ele está indo devagar (cf.: [www.crbnacional.org.br/site/index.php/noticias](http://www.crbnacional.org.br/site/index.php/noticias)).

Como percebemos nos depoimentos, apesar das resistências, há muita esperança no futuro da VRC e muitos/as religiosos/as estão dispostos/as a viver a consagração a partir de uma profunda vida espiritual, da fidelidade carismática, da proximidade e do serviço ao povo de Deus. Neste contexto, vale a pena reforçar alguns ensinamentos do Papa Francisco, religioso jesuíta, para a VRC brasileira e mundial.

1. No dia 27 de julho de 2013, durante a JMJ, o Papa Francisco rezou missa com bispos, padres, seminaristas e religiosos e religiosas e aprofundou o sentido da *Vocação e*

*Missão* cristãs na Igreja e no mundo, refletindo sobre três temas:

- *Chamados por Deus.* “Creio que é importante reavivar em nós esta realidade que, frequentemente, damos por descontada em meio a tantas atividades do dia a dia: ‘Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi’, diz-nos Jesus. A vida em Cristo é justamente o que garante a nossa eficácia apostólica, a fecundidade do nosso serviço. Não é a criatividade pastoral, não são as reuniões ou planejamentos que garantem os frutos; isso ajuda e muito, mas temos que ser fiéis a Jesus, que nos diz: ‘Permaneça em mim, e eu permanecerá em vós’. O ‘permanecer’ com Cristo não é se isolar, mas é um permanecer para ir ao encontro dos demais e servir Cristo nos pobres.”
- *Chamados para anunciar o Evangelho.* “Muitos de vocês vieram acompanhar seus jovens à Jornada Mundial. Eles também ouviram as palavras do mandato de Jesus: ‘Ide e fazei discípulos entre todas as nações’. É nosso compromisso ajudá-los a fazer arder, no seu coração, o desejo de serem discípulos missionários de Jesus. Deus quer que sejamos missionários onde estivermos. Ajudem os jovens a perceberem que ser discípulo missionário é uma consequência de ser batizado, é parte essencial do ser cristão, e que o primeiro lugar onde evangelizar é a própria casa, o ambiente de estudo ou de trabalho, a família e os amigos.”
- *Chamados a promover a cultura do encontro.* “Em muitos ambientes, infelizmente, ganhou espaço a cultura da exclusão e do descartável. Não há lugar para o idoso; não há tempo para deter-se com o pobre caído à margem da estrada. Parece que as relações humanas são regidas por dois dogmas modernos: eficiência e pragmatismo. Queridos, tenham a coragem de ir contra a corrente desta cultura. O encontro e o acolhimento a todos, a solidariedade e a fraternidade são os elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana.”

2. *Missão*: a Vida Religiosa precisa ir para as periferias. Nos últimos séculos a Igreja perdeu os intelectuais (séculos XVII-XVIII); operários (séculos XIX-XX); pobres (elitismo e condenação da Teologia da Libertação); mulheres (*Humanae Vitae*, em 1968); jovens (século XX-XXI); crianças (casos de pedofilia recentes).

Diante desse quadro, como a VRC pode ajudar a Igreja a estabelecer um diálogo maduro e confiante e a se aproximar desses segmentos sociais para ser, no meio deles, presença evangélica? Falando sobre a “Missão no mundo”, aos bispos do CELAM, o Papa Francisco assim dizia no dia 28 de julho: “Os agentes de pastoral e os fiéis sentem-se parte da Igreja, identificam-se com ela e aproximam-na dos batizados afastados e indiferentes? Como se pode ver, aqui estão em jogo atitudes. A Conversão Pastoral diz respeito às atitudes e a uma reforma de vida. Uma mudança de atitudes é necessariamente dinâmica: ‘entra em processo’ e só é possível moderá-lo acompanhando-o e discernindo-o. É importante ter presente que a bússola, para não se perder nesse caminho, é a identidade católica concebida como pertença eclesial”.

3. Francisco falou do *Diálogo com o mundo atual*: “Faz-nos bem lembrar estas palavras do Vaticano II: As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e atribulados, são também alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo. Aqui reside o fundamento do diálogo com o mundo atual. A resposta às questões existenciais do homem de hoje, especialmente das novas gerações, atendendo à sua linguagem, entranha uma mudança fecunda que devemos realizar com a ajuda do Evangelho, do Magistério e da Doutrina Social da Igreja. Os cenários e aréopagos são os mais variados. Se continuarmos apenas com os parâmetros da ‘cultura de sempre’, fundamentalmente uma cultura de base rural, o resultado acabará anulando a força do Espírito Santo”.

4. Francisco falou aos bispos sobre a *Simplicidade*: “Outra lição que a Igreja deve sempre lembrar é que não pode afastar-se da simplicidade; caso contrário, desaprende a

linguagem do Mistério. Às vezes, perdemos aqueles que não nos entendem, porque desaprendemos a simplicidade, inclusive importando de fora uma racionalidade alheia ao nosso povo. Sem a gramática da simplicidade, a Igreja se priva das condições que tornam possível ‘pescar’ Deus nas águas profundas do seu Mistério”.

5. No dia 27 de julho, o Papa destacou os desafios da Igreja, entre eles, a *formação dos religiosos*: “... se não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogarem com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegrações, o que poderemos esperar para o caminho presente e futuro? Não é verdade que Deus se tenha obscurecido nelas. Aprendamos a olhar mais profundamente: falta quem lhes aqueça o coração, como sucedeu com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,32). Por isso, é importante promover e cuidar de uma formação qualificada que crie pessoas capazes de descer na noite sem ser invadidas pela escuridão e perder-se; capazes de ouvir a ilusão de muitos, sem se deixar seduzir; capazes de acolher as desilusões, sem desesperar-se nem se precipitar na amargura; capazes de tocar a desintegração alheia, sem se deixar dissolver e decompor na sua identidade. Serve uma solidez humana, cultural, afetiva, espiritual, doutrinal...”.

6. Francisco também convidou todos à *Criatividade*. “O resultado do trabalho pastoral não se assenta na riqueza dos recursos, mas na criatividade do amor. Servem, certamente, a tenacidade, a fadiga, o trabalho, o planejamento, a organização, mas, antes de tudo, você deve saber que a força da Igreja não reside nela própria, mas se esconde nas águas profundas de Deus, nas quais ela é chamada a lançar as redes.”

7. Falou sobre a *Renovação interna da Igreja (e da Vida Religiosa)* aos bispos do CELAM, fazendo referência à Conferência de Aparecida, do ano 2007, que propôs como necessária a Conversão Pastoral: “Esta conversão implica acreditar na Boa-Nova, acreditar em Jesus Cristo portador do Reino de Deus, em sua irrupção no mundo, em sua presença vitoriosa sobre o mal; acreditar na assistência e guia do Espírito Santo; acreditar na Igreja, Corpo de Cristo e prolongamento do



604

605

CONVERGÊNCIA

- O Papa falou também da necessidade de se reforçar e atualizar a formação; de se favorecer a colegialidade e a solidariedade episcopal; de estar sempre em estado permanente de missão e conversão pastoral; a função da Igreja na sociedade (a liberdade de anunciar o Evangelho de modo integral, mesmo quando ele está em contraste com o mundo, mesmo quando vai contra a corrente.). A Igreja tem o direito e o dever de manter acesa a chama da liberdade e da unidade do homem. Educação, saúde, paz social são as urgências no Brasil (a Igreja tem uma palavra a dizer sobre estes temas, porque, para responder adequadamente a esses desafios, não são suficientes soluções meramente técnicas, mas é preciso ter uma visão subjacente do homem, da sua liberdade, do seu valor, da sua abertura ao transcendente). Finalmente, o Papa pediu mais cuidado e preservação da Amazônia.
- Francisco dizia aos jovens: “Organizem uma grande confusão (um grande *lio*); e cuidem da Eucaristia, da oração e do serviço aos demais...”. Que este convite sensibilize a todos os consagrados para seguirmos fazendo a *revolução da espiritualidade e do serviço*.

### *Perguntas feitas pelo articulista*

1. Quais ensinamentos do Papa Francisco, no contexto da JMJ do Rio de Janeiro de 2013, podem ser aprofundados e assumidos pelos/as religiosos/as do Brasil?
2. O que a Vida Religiosa do Brasil pode aprender com as “novas gerações” ou “juventudes” para que, na acolhida e no diálogo com elas, surjam propostas para a Animação Vocacional e a Formação Inicial para a VRC?

### *Perguntas feitas por uma juniorista brasileira*

1. Muitos vocacionados e formandos da VRC trazem uma forte vontade de servir a Deus e ajudar o próximo. Embora sem muita clareza, será que eles encontram ajuda para

amadurecer esse desejo, ou acabam sufocados pelas estruturas e burocracias da VRC?

2. O discernimento e o acompanhamento dos/as jovens formandos/as na VRC ocorrem a partir da Missão ou das exigências das atividades e obras institucionais?

### *Para consulta*

BOFF, Bernadete (Org.). *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.  
 Sites disponíveis em: [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br); [www.zenit.org](http://www.zenit.org); [www.adital.com.br](http://www.adital.com.br).

## Vida Consagrada e Ano da Fé: um comentário a *Porta fidei* 8 e 13

PE. DELMAR CARDOSO, SJ\*

Constatam-se duas menções à Vida Religiosa Consagrada (VRC) em *Porta fidei*, a carta apostólica com a qual Bento XVI proclamou o *Ano da Fé*. A primeira das menções aparece através da alusão às “comunidades religiosas” (cf. *Porta fidei*, 8), as quais são convocadas ao lado das comunidades paroquiais e todas as realidades eclesiais, antigas e novas, a encontrar modos e formas de fazer publicamente a profissão do Credo cristão. Vale dizer que este número do documento papal é endereçado prioritariamente aos bispos, a quem o Papa chama de irmãos, a fim de que eles se unam ao sucessor de Pedro na comemoração do dom precioso da fé. O Papa tem a intenção de fazer do Ano da Fé um tempo “para ajudar todos os crentes em Cristo a se tornarem mais conscientes e revigorarem a sua adesão ao Evangelho, sobretudo num momento de profunda mudança como este que a humanidade está vivendo”.

Todos os tipos de fiéis, portanto, são destinatários do convite para celebrar o Ano da Fé. E o porquê deste ano se alinha com a intenção motivadora do Concílio Vaticano II: a volta às fontes, as quais são denominadas “Evangelho” nessa passagem do texto de Bento XVI. É a sua adesão ao Evangelho que todos os seguidores de Cristo hão de dar novas forças e ter mais consciência. Refletir sobre a fé só pode ser verdade se houver um encontro autêntico com o Senhor e seu Evangelho.

O texto também explicita a outra motivação do Vaticano II: o desejo profundo de a Igreja ir ao encontro das pessoas de hoje, do mundo de hoje, do tempo presente. A tudo isso

\*Pe. Delmar Cardoso é jesuíta. Doutor em Filosofia pelo Angelicum. Desde 2000, trabalha como professor e pesquisador do Departamento de Filosofia do FAJE.

Bento XVI chama de “momento de profunda mudança”. Notemos que a mudança parece dizer respeito somente à humanidade. Mas cabe perguntar: haverá mudança na Igreja? Ou ela vai ser a mesma de sempre? Se a Igreja também faz parte da humanidade, podemos dizer, sim, que as mudanças dizem também respeito a ela. Há que se notar que muita coisa mudou e, graças a Deus, para melhor. Mesmo os que reclamam pela volta de antigas tradições, o fazem dentro desse contexto de mudança e, frequentemente, não se dão conta de que não se restaura o passado sem colocar-lhe elementos novos.

Nesse sentido, o convite para celebrarmos o Ano da Fé indica lugares precisos para tal comemoração: as catedrais e igrejas são os primeiros lugares a serem mencionados. Vê-se, pois, que as atividades ligadas às comemorações do Ano da Fé não se devem limitar a uma reflexão de cunho puramente intelectual. Em outras palavras, deve estar implicada, nas comemorações do Ano da Fé, aquela percepção intelectual que faz parte do contexto celebrativo e litúrgico, sem o qual não há a Igreja. A Igreja é aquilo que ela celebra. A liturgia se mostra como a mais profunda intelecção do ser da Igreja. A Igreja se evidencia no seu celebrar. A liturgia – em especial a liturgia eucarística – mostra-se como o lugar de confessarmos a fé no Senhor Ressuscitado.

Os outros dois lugares mencionados para comemorarmos o Ano da Fé são nossa casa e o meio das famílias. Quase todos os fiéis cristãos vivemos em casas. Não nos diferenciamos da maioria das pessoas. Há, portanto, um aspecto doméstico a ser vivenciado pela fé. Uma autêntica experiência de fé não se limita à massa e à multidão. O chão no qual o crer desabrocha é o aconchego de um lar, de um pequeno grupo. A família é o lugar privilegiado desse encontro. A vida de família enriquece a Igreja toda e se mostra como tarefa a ser redescoberta pelo crente. Exige-se de cada um o compromisso pessoal de conhecer e transmitir a “fé de sempre”. Cada um tem a tarefa de transmitir o que pessoalmente recebeu (cf. 1Cor 15,3). A fé não nos fecha num intimismo barato e estéril. Mas lança-nos no futuro além de nós mesmos.

Eis, pois, o momento preciso em que aparece a menção à VRC em *Porta fidei* 8: “Neste *Ano*, tanto as comunidades religiosas como as comunidades paroquiais e todas as realidades eclesiais, antigas e novas, encontrarão forma de fazer publicamente a profissão do Credo”. Comunidades religiosas podem ser consideradas as comunidades da VRC. São uma porção privilegiada da Igreja, assim como o são também as comunidades paroquiais. A vida em comunidade faz parte essencialmente da fé cristã. De modo que não pode haver cristão sozinho, como diz uma sentença do Latim cristão: *Unus christianus, nullus christianus*.

Há também outras realidades eclesiais que não estão isentas da vida em comunidade. Tais realidades são antigas e novas. Não se pode deixar de ver aqui um aceno aos assim chamados movimentos eclesiais que, principalmente após o Vaticano II, deram novo vigor à vida da Igreja. Nas entrelinhas deste número de *Porta fidei*, há um apelo para um verdadeiro diálogo e comunicação dentro da própria Igreja. A expressão papal “modo de fazer publicamente profissão do Credo” certamente não quer dizer realizar grandes manifestações públicas de triunfalismo, mas termos capacidade de exprimir a unidade da Igreja, que quer comunicar ao mundo não a si mesma, nem seus grupos internos, mas o Senhor da nossa fé. Isso vai exigir de todos os fiéis, de seus grupos e de suas lideranças a prática de uma autêntica comunicação dentro da Igreja. Os vários grupos cristãos, muitas vezes etiquetados como progressistas ou conservadores, são convocados a dar testemunho de diálogo e respeito recíproco, compartilhando suas diferentes expressões de fé.

A outra menção feita em *Porta fidei* à VRC aparece no número 13. Nele, Bento XVI convida-nos a repassar durante este ano a “história da nossa fé, que faz ver o mistério insondável da santidade entrelaçada com o pecado” (*Porta fidei*, 13). Ele ressalta que a santidade “põe em evidência a grande contribuição que homens e mulheres prestaram para o crescimento e o progresso da comunidade com o testemunho da sua vida” e que o pecado “deve procurar, em todos, uma sincera e contínua vontade de conversão para experimentar a misericórdia do Pai, que vem ao encontro de todos”.

Vem à tona um aspecto importante da visão cristã de mundo: a história. O Cristianismo, ao lado do Judaísmo, possui uma visão positiva da história. Os acontecimentos humanos fazem parte do plano de um Deus que caminha com seu povo eleito. Nesta cosmovisão, a iniciativa desse encontro coube ao próprio Deus.

Bento XVI explicita que a fonte da história de nossa fé é Jesus Cristo. É sobre ele, qual “autor e consumidor da fé” (Hb 12,2), que devemos manter fixos os nossos olhos em nosso caminho histórico. Ecoam aqui as palavras fortes de *Gaudium et Spes* 22: “Na realidade, o mistério do ser humano só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado”.

Logo após a menção a Jesus Cristo, como que entrelaçada inseparavelmente a ele, Bento XVI apresenta a participação de Maria Santíssima na história de nossa fé. Não se trata de uma simples apresentação das alusões bíblicas à história de Maria. Podemos dizer que Maria é mostrada como uma figura da Igreja inteira: em toda a sua vida, Maria esteve ao lado do seu Filho. Nunca se separou d’Ele. Esta é também a vida e missão da Igreja: acompanhar o seu esposo, Cristo, no seu caminho de fidelidade à missão recebida do Pai. Note-se uma alusão importante: Bento XVI situa a passagem lucana a respeito de que Maria conservava no coração a memória dos fatos que lhe aconteceram no contexto da ressurreição (cf. Lc 2, 19.51). Ora, todos sabemos que essa passagem bíblica se refere às narrativas da infância de Jesus. Bento XVI nos sugere que conservar uma experiência no coração é algo próprio do evento pascal. A ressurreição tem por frutos algo que atinge e marca o coração, como lugar de memória, certeza e intimidade. Não há outro caminho de encontro com o Ressuscitado a não ser o caminho de um coração capaz de memorizar e conservar a experiência do encontro com Ele.

Logo após a figura de Maria, vêm os apóstolos. Eles são lembrados porque deixaram tudo para seguirem o Senhor (cf. Mc 10,28). Esta lembrança de Bento XVI sugere que na vida eclesial em geral, e especialmente entre aqueles que



têm mais responsabilidade dentro da Igreja, há que se levar a sério essa atitude característica dos apóstolos: eles deixaram tudo para seguirem o Senhor de modo radical. O testemunho dado por eles teve força devido a essa união íntima com o Senhor e também pela união entre eles. Depois dos apóstolos é mencionada a comunidade de discípulos reunida em volta deles. Essa alusão à vida cristã primitiva também pode ser vista como um apelo à redescoberta da vida em comunidade pelos cristãos de hoje. Neste mesmo contexto, são mencionados os mártires, quais testemunhas da verdade evangélica que lhes transformara o coração. Uma transformação que se tornou evidente, sobretudo, pela capacidade de perdão, inclusive do perdão aos inimigos.

Eis, pois, a menção explícita à VRC: “Pela fé, homens e mulheres consagraram a própria vida a Cristo, deixando tudo para viver em simplicidade evangélica a obediência, a pobreza e a castidade, sinais concretos de quem aguarda o Senhor, que não tarda a vir”. A razão de ser da Vida Consagrada é o Senhor Jesus. Consagrar a própria vida a Cristo está na base do ser religioso. Não deve haver outra explicação para a VRC. Os votos religiosos são lembrados como garantia da liberdade diante de qualquer coisa, em vista da vivência da simplicidade do Evangelho. Os votos religiosos não são simplesmente um sinal de vida futura. A VRC anima a esperança da vida da Igreja toda, a qual aguarda a segunda vinda de Cristo. Observe-se que é dito que tal vinda não tarda. O céu acontece na terra quando temos a força de testemunhar o Senhor.

Depois dessa menção à VRC, Bento XVI faz poucos, mas significativos, recortes na vida dos cristãos em geral: a ação em prol da justiça e a confissão da beleza de seguir Jesus Cristo. O primeiro recorte faz alusão ao compromisso com a justiça na sociedade. A opção pelos pobres faz parte da fé cristológica. O outro recorte mostra que a vida cristã não tem idade nem ambiente restritos. Todos podem viver a beleza da fé.

Por fim, Bento XVI coloca todos os fiéis cristãos num só nível: pela fé, todos vivemos reconhecendo o Senhor Jesus

vivo e presente na nossa vida e na história. O liame entre fé e vida não poderia ter sido mais sublinhado como aqui. Note-se que todos os tipos de vocação cristã são aqui chamados de fiéis: leigos, consagrados e ministros ordenados.

Este Ano da Fé proporcionou uma experiência marcante para a vida de todos os fiéis católicos. Podemos fixar tal experiência nos 32 dias que duraram, de 11 de fevereiro a 13 de março deste ano: o anúncio da renúncia de Bento XVI e a eleição de Francisco. Esses dois marcos do Ano da Fé podem ser lidos sob o prisma da humildade e da simplicidade. Qualidades nada valorizadas em um mundo que só pensa em levar o sucesso e o bem-estar em níveis sempre mais altos.

A renúncia de Bento XVI mostrou que a Igreja tem consciência de que um “momento de profunda mudança”, como é o tempo atual, exige o vigor físico daqueles que estão em posição de liderança. A renúncia torna evidente que a verdadeira liderança na vida da Igreja vem do Senhor Jesus. A Igreja pertence ao Senhor Jesus e ele é seu verdadeiro guia. Não há dúvida de que a renúncia de um Papa marca um novo tempo na vida da Igreja. Mas as novidades não parariam por aí.

Depois de quase 200 anos, alguém que pertence à VRC é escolhido para a função de sucessor de São Pedro. O jesuíta cardeal arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, assume o nome de Francisco. Estes primeiros tempos de pontificado têm sido marcados por um clima de harmonia entre o novo Papa e a maioria dos fiéis. Francisco, com seus gestos de simplicidade e atenção para com todos, tem aberto o coração de muitos para um novo caminho na Igreja. A visita de Francisco ao Brasil, realizada no contexto da Jornada Mundial da Juventude, mostrou a todos sinais dessa esperança.

Francisco tem conseguido uma vantagem inédita: sua simplicidade tem sido seu grande trunfo no modo como tem encarado sua missão de sucessor de Pedro. Suas falas são sempre muito simples e diretas e têm conseguido uma comunicação perfeita com as pessoas. A via da simplicidade

tem conseguido um canal mais eficaz que a estrada da erudição que, no final das contas, indica mais uma atitude de quem só está disposto a ensinar e não a dialogar realmente.

Poderíamos indicar muitos exemplos dessa mudança de atitude do Papa Francisco, que tanto bem tem feito à Igreja. Se fôssemos elencá-los, seriam tantos! Mas seja-nos permitido refletir sobre um desses exemplos, o qual tem tudo a ver com o sentido de celebrar o Ano da Fé em nível de VRC. Durante um dos eventos da JMJ, Francisco comunicou-se muito através de um pequeno gesto. Não houve nenhuma palavra. Ele só usou as mãos e o sorriso. De dentro de um helicóptero, ele desenhou no ar com os indicadores de suas mãos a forma de um coração. O gesto falou muito porque não tinha palavras. O coração indica o amor. O Evangelho não é um corpo de doutrinas, mas gesto concreto de amor. A VRC pretende tornar explícita a vocação de sermos Igreja mais disposta em demonstrar gestos de amor, em vez de palavras de ensinamento. Francisco tem reacendido essa esperança em todos nós. Que esse fogo tome conta de todos nós e nos ajude a renovar o sentido da VRC no tempo atual!

### *Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade*

1. As celebrações do Ano da Fé não poderão tomar a característica de triunfalismo. Como você(s) percebe(m) a vivência dessa característica em sua comunidade, província, diocese?
2. Acontecem diálogos entre grupos e comunidades em nível intraeclesial? Poderíamos pensar em atitudes criativas nesse sentido?
3. Como empreender o resgate de simplicidade e humildade em nível de comunidade, província, diocese?

## “As irmãs são o rosto de Deus para nós!”

Origem e missão dos levitas:  
uma luz de Deus para nós, religiosas e religiosos

FREI CARLOS MESTERS, OC\*

### *A pergunta de hoje*

Num encontro de religiosas, uma juniorista levantou o seguinte questionamento: “Entrei na Congregação porque me senti atraída pelo testemunho das irmãs junto aos pobres. É o que eu gosto de viver e de fazer. E nisto me sinto feliz e realizada. Mas vejo e sinto que algo me falta na vivência da Vida Religiosa. Noto que muitos leigos e leigas, casados e solteiros, estão começando a fazer a mesma coisa que eu faço. Então, eu me pergunto: Por que sou religiosa e carmelita? Só para estar com os pobres? Para fazer isso não é necessário eu ser religiosa e carmelita. Não me sinto frustrada, de jeito nenhum, mas sinto que devo buscar um fundamento mais profundo para a minha vida como religiosa e carmelita”.

A própria vivência da sua vocação como consagrada levou a Irmã a ir aprofundando a motivação que a animava e provocou nela perguntas muito sérias: “O que é mesmo o sentido da Vida Religiosa e da Vida inserida? Por que e para que sou religiosa e consagro minha vida? Qual o meu lugar na Igreja? Qual o meu lugar na sociedade e na humanidade? Em que direção devo procurar a resposta?”. E ela terminou dizendo: “Será que não existe uma luz na Bíblia para nos ajudar na busca da resposta? Pois o problema não é só meu, mas de muitas religiosas e também de religiosos. Ajude a gente na resposta!”.

De fato, o mesmo vale para nós, religiosos. Hoje, muitos entram na vida *religiosa* motivados pelo desejo de ser

\* **Carlos Mesters**, frade carmelita, holandês de nascimento, mas brasileiro de coração, é um dos mais conhecidos e respeitados biblistas do País. Com grande atuação nos meios populares, é um dos responsáveis por uma leitura mais inculturada da Bíblia na América Latina.  
**E-mail:** cmesters@ocarm.org.

*sacerdote*. No início não era assim. Éramos todos leigos, frades. Ao longo dos séculos, a pedido da Igreja, para poder responder às necessidades pastorais, fomos assumindo o sacerdócio. Aos poucos, a vida religiosa foi “sacerdotalizada”. Estamos a serviço da pastoral nas paróquias. Já não somos “freiros” da mesma maneira como as Irmãs religiosas são “freiras”. Aquela pergunta da Irmã também existe em muitos de nós. Temos que redescobrir o sentido e o objetivo da nossa missão como religiosos. Parafraseando as palavras da Irmã, podemos dizer: “Por que sou religioso? Só para trabalhar como sacerdote na paróquia? Para fazer isso não é necessário eu ser religioso. Não me sinto frustrado, de jeito nenhum, mas sinto que devo buscar um fundamento mais profundo para a minha vida como religioso”.

A história da origem dos levitas pode trazer uma luz para estas nossas perguntas. Ela pode abrir uma nova janela sobre o rumo da nossa vida como consagrados. Pode servir de espelho que nos confirma e também nos critica, nos anima e também nos leva a dar mais um passo.

### *A origem dos levitas*

Originalmente, os levitas não formavam uma tribo. Na Bíblia existe até um levita da tribo de Judá (Jz 17,7). Desde aquele remoto início até hoje, em todos os povos sempre aparecem pessoas que se sentem chamadas para responder ao desejo profundo do ser humano em busca de Deus e exercer uma missão mediadora entre Deus e o povo. Assim, por exemplo, acontece com os pajés nas tribos indígenas e com os rezadores e as rezadeiras nos povoados do interior. O mesmo acontecia com as tribos do povo da Bíblia. Em todas elas havia pessoas que se sentiam chamadas para realizar essa missão mediadora. Moisés, o levita, é um deles. Apesar das mudanças, desvios e crises, que ocorreram ao longo da história dos levitas, essa inspiração original sempre de novo reaparece, despertando vocações no meio do povo. Ela é como uma fonte que, cada vez de novo, até hoje, renasce no coração humano buscando novas formas de expressão.

Na Bíblia, a palavra *Levi* ou *Levita* pode designar várias coisas distintas e até opostas. Pode designar o nome de uma pessoa: *Levi* (Gn 29,34) ou a profissão ou função de levita que uma pessoa exerce e pela qual é conhecida (cf. Esd 10,15; 2Cr 20,14; 31,12.14). Pode designar um grupo étnico, a tribo de Levi (Nm 3,6), ou um “levita” que não é da tribo de Levi, mas da tribo de Judá (Jz 17,7). Pode designar os sacerdotes (Dt 18,1; 21,5; 24,8; 27,9 etc.) ou pessoas ligadas ao culto, distintas dos sacerdotes (Nm 18,1-7). Às vezes, levita e sacerdote são o mesmo grupo; outras vezes, são dois grupos distintos.

Essa variedade quase contraditória do significado da palavra *Levita* é um reflexo da história acidentada e atribulada dos levitas ao longo dos séculos, desde o tempo dos Juízes, em torno de 1100 antes de Cristo, até o Novo Testamento. O objetivo deste breve artigo não é analisar o longo percurso da história dos levitas, mas sim apresentar essa inspiração original dos levitas que, cada vez de novo, reaparecia e reaparece, buscando novas formas de expressão, desde os tempos dos Juízes até o tempo de Jesus e até hoje.

A palavra *Levi* ou *Levita* vem da raiz LWH (*lawá*), que significa “aderir, apegar-se, associar-se, acompanhar”. Lia, a mãe de Levi, ao dar o nome ao menino disse: “Agora meu marido vai *apegar-se* a mim” (Gn 29,34). *Levi* ou *Levita* sugere uma pessoa que “se associa, se apega, adere e acompanha”. Assim, originalmente, levitas eram pessoas das várias tribos e grupos humanos que se agrupavam (*se apegavam, aderiam, acompanhavam e se associavam*) ao redor dessa missão mediadora em busca de Deus e que, aos poucos, foram identificadas com um grupo distinto, com uma tribo ao lado das outras tribos: a tribo de Levi. Hoje diríamos que foram identificadas com uma “congregação”, a “congregação de Levi”. Os antigos monges, quando se apresentava um candidato para entrar na Vida Religiosa, davam-lhe um “anjo” para acompanhá-lo e verificar *an vere Deum quaerit* (se realmente busca a Deus). Pois, se a motivação básica não for a busca de Deus, não há lugar para ele na Vida Religiosa. A busca de Deus é a raiz permanente que está na origem

da “tribo de Levi”. É a fonte escondida de onde, sempre de novo, nasce e renasce tanto a tribo de Levi como a Vida Religiosa.

Desde o início, a identidade ou missão dos levitas no meio do povo de Israel era associada com os acontecimentos do Êxodo. Eles diziam que a tribo de Levi, por iniciativa e vocação do próprio Deus, era a propriedade particular de Javé: “Eu mesmo escolhi os levitas entre os filhos de Israel, para substituir os primogênitos, aqueles filhos de Israel que abrem o seio materno. Portanto, os levitas são meus. De fato, todo primogênito me pertence, pois no dia em que matei os primogênitos na terra do Egito, consagrei para mim todos os primogênitos de Israel, tanto homens como animais. Eles me pertencem. Eu sou Javé” (Nm 3,11-13; cf. Ex 13,11-16). Os levitas são a propriedade particular de Javé. Eles são de Javé, porque Javé os escolheu e os reservou para si. Por isso, a tribo de Levi não recebeu terra como herança, pois a herança deles era o próprio Javé (cf. Js 13,33; 18,7; Eclo 45,22). Eles deviam manter viva e irradiar no meio do povo a presença de Javé, a memória do Êxodo. Não podiam estar confinados numa determinada região geográfica, mas deviam estar em toda parte para poder exercer essa função tão importante no meio das tribos.

### *Animadores da fé das comunidades*

O que sabemos daquele remoto início é que havia pequenos santuários, centros de romaria, espalhados pelo território, onde se conservava e se transmitia a memória daquilo que “nossos pais nos contaram” (Sl 44,2; 78,3). Nas festas, os romeiros iam para lá para fazer suas preces, oferecer os seus dons e cumprir suas promessas. Os levitas os recebiam, com eles rezavam e lhes transmitiam as muitas histórias que se contavam a respeito da origem do povo. Assim, eles ajudavam o povo a manter e a aprofundar sua identidade e sua missão. Nesses santuários, o povo derramava sua alma diante do Senhor (cf. 1Sm 1,15-16). Eis alguns desses centros de romaria:

- Siquém: onde Abraão recebeu a promessa da terra e fez um altar (Gn 12,6-7);
- Betel: onde Abraão fez um altar (Gn 13,3) e Jacó teve seu sonho (Gn 28,10-22);
- Jerusalém: onde Abraão honrou Melquisedeque de Salém (Jerusalém) (Gn 14,18-20);
- Bersheba: onde Abraão invocou o nome de Javé (Gn 21,32-34);
- Moriá: onde Abraão foi sacrificar Isaque (Gn 22,1-14);
- Hebron: onde foi feito o enterro de Sara (Gn 23,1-20) e de Abraão (Gn 25,7-10);
- Guilgal: onde atravessaram o rio Jordão e onde Josué fez um altar (Js 4,19-24);
- Silo: onde Eli acolheu e orientou Samuel (1Sm 1,1 – 2,10);
- Rama: onde Samuel atendia o povo (1Sm 7,15-17; 8,4);
- Carmelo: onde Elias refez a aliança das doze tribos (1Rs 18,20-46).

### *A missão dos levitas*

Dois textos recentes do livro do Deuteronômio projetam para o passado, para aquele remoto início, como era ou devia ser a missão dos levitas: Dt 33,8-11 e Dt 10,8-9. O primeiro texto (Dt 33,8-11) traz a bênção de Moisés para a tribo de Levi. A bênção para Levi é a mais longa das doze bênçãos de Moisés para as doze tribos (Dt 33,1-29). Ela expressa como eles imaginavam e desejavam a missão dos levitas junto ao povo e mostra os vários aspectos dessa missão no meio do povo. O segundo texto (Dt 10,8-9) traz uma ordem de Deus para os levitas, pronunciada por ocasião da morte de Aarão. Ela destaca outros aspectos da missão.

*Primeiro texto* (Dt 33,8-11):

<sup>8</sup>... “Entrega a *Levi* teus Urim, e teus Tumim ao homem que amas, que puseste à prova em Massa e desafiaste junto às águas de Meriba”.

<sup>9</sup>Levi diz de seu pai e de sua mãe: “Eu nunca vi vocês”. Ele não reconhece mais seus irmãos e ignora seus filhos. Sim, eles observam a tua palavra e guardam a tua aliança.



<sup>10</sup>Eles ensinam as tuas normas a Jacó e tua lei a Israel. Eles oferecem incenso em tua presença e holocaustos em teu altar.

<sup>11</sup>Abençoa a força dele, ó Javé, e aceita a obra de suas mãos. Fere os rins dos adversários dele, e que os inimigos dele não se levantem (Ex 33,8-11).

A linguagem deste texto é diferente da nossa linguagem. Ela exige um breve esclarecimento. Ela descreve sete aspectos da missão dos levitas. Vejamos:

(1) *Ser conselheiros do povo.* “Entrega a Levi teus Urim, e teus Tumim ao homem que amas” (Dt 33,8). Os “Urim” e “Tumim” eram instrumentos usados para consultar Javé a respeito das respostas a serem dadas aos problemas e às perguntas do povo (Ex 28,30; Esd 2,63). A expressão “ao homem que amas” indica que Levi, os levitas, deviam ser pessoas amadas por Deus, isto é, pessoas de confiança, a quem o povo consultava para resolver seus problemas e para saber como viver.

(2) *Ser totalmente de Deus.* “Levi diz de seu pai e de sua mãe: ‘Eu nunca vi vocês’. Ele não reconhece seus irmãos e ignora seus filhos” (Dt 33,9). Jesus pedia o mesmo (literalmente): “Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,26). Este é o significado da afirmação: “Eu nunca vi vocês. Ele não reconhece mais seus irmãos e ignora seus filhos”. Javé é o valor supremo da vida dos levitas.

(3) *Ser praticantes da Palavra de Deus.* “Sim, eles observam a tua palavra e guardam a tua aliança” (Dt 33,9b). A especialidade dos levitas e das levitas é observar a Palavra de Deus e, assim, guardar a Aliança. Esta é a raiz e o objetivo da sua função no meio do povo. Iluminar tudo com a luz da Palavra de Deus, para que a presença de Deus clareie tudo.

(4) *Transmitir a vontade de Deus ensinando ao povo as normas da lei.* “Eles ensinam as tuas normas a Jacó e tua lei a Israel” (Dt 33,10). Devem meditar as normas da lei de Deus e ensiná-las ao povo. De que maneira? Vivendo o que o longo salmo 119 ensina sobre a meditação constante da Lei de Deus. No salmo, essa meditação é o resultado de uma paixão, não tanto

pela letra da lei, mas sim pelo autor da lei, que é o próprio Deus.

(5) *Ser medianeiros e animar as celebrações.* “Eles oferecem incenso em tua presença e holocaustos em teu altar” (Dt 33,10). Isto é, devem animar as celebrações do povo e ajudá-lo a entrar em sintonia com Deus. Devem ser animadores e animadoras dos encontros de fé do povo.

(6) *Confiar na força da bênção de Deus para os levitas.* “Abençoa a força dele, ó Javé, e aceita a obra de suas mãos” (Dt 33,11). Nem sempre é fácil o serviço que devem prestar ao povo nos santuários. Mas a bênção de Deus lhes dará força e coragem para continuar com a certeza de que, apesar das aparências em contrário, Deus saberá aceitar a obra de suas mãos.

(7) *Merecem confiança do povo, porque sofreram.* “Puseste-os à prova em Massa e desafiaste junto às águas de Meriba” (Dt 33,8). Os levitas, para poder realizar sua função no meio das doze tribos, tinham sido provados e aprovados por Deus. Os levitas passaram por provas e sofrimentos para poder cumprir com fidelidade sua missão. Por isso, são de confiança e o povo crê neles.

*Segundo texto* (Dt 10,8-9):

<sup>8</sup>Foi nessa ocasião que Javé destacou a tribo de Levi para levar a arca da aliança de Javé e ficar à disposição de Javé, para servi-lo e abençoar em seu nome, até o dia de hoje.

<sup>9</sup>É por isso que Levi não recebeu parte na herança de seus irmãos: a herança dele é Javé, como Javé seu Deus lhe havia falado (Dt 10,8-9).

(8) *Levar a arca da aliança.* “Javé destacou a tribo de Levi para levar a arca da aliança de Javé” (Dt 10,8a). A arca da aliança era o sacrário do povo, o seu coração (cf. Ex 25,21-22; 2Cr 5,4). Ela expressa o mútuo compromisso entre Deus e o povo, assumido na conclusão da aliança no Monte Sinai (Ex 19,1 a 24,18). A tribo de Levi deve cuidar do coração do povo.

(9) *Ficar à disposição de Javé para servi-lo.* “Javé destacou a tribo de Levi para ficar à disposição de Javé, para servi-lo” (Dt 10,8b). A função dos levitas é *servir*, estar à disposição de Deus. É a função do “Servo de Javé”, com o qual Jesus se identificou para realizar sua missão: “Não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45; cf. os quatro cânticos do Servo em Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12).

(10) *Abençoar o povo em nome de Javé.* “Javé destacou a tribo de Levi para abençoar em seu nome, até o dia de hoje” (Dt 10,8c). Abençoar em nome de Deus significa: “dizer o bem” sobre o povo, fazer descer sobre o povo os bens de Deus (Nm 6,22-27).

(11) *Ter Javé, ele mesmo, como herança.* “Levi não recebeu parte na herança de seus irmãos: a herança dele é Javé” (Dt 10,9). Não poderão receber terra como as outras tribos, porque a herança deles é o próprio Javé. Por isso devem estar à disposição de Javé sempre, com exclusividade, e não podem dedicar-se a nenhuma outra coisa. Sua missão é servir a Javé e aos irmãos e irmãs.

### *A santa provocação que nos vem dos levitas*

Todos estes aspectos da missão dos levitas e das levitas, enumerados no Deuteronômio, o que eles significam para nós hoje, aqui no Brasil? Como recriar hoje o mesmo serviço, a mesma presença libertadora de Deus no meio do povo?

- (1) Ser conselheiro/conselheira do povo (Dt 33,8).  
Ser amada pelo povo e merecer sua confiança.
- (2) Ser totalmente de Deus (Dt 33,9z).  
Ser o rosto de Deus para o povo.
- (3) Ser doutor/a em Palavra de Deus (Dt 33,9b).  
Revelar a Palavra viva de Deus na vida.
- (4) Transmitir a lei, ao povo (Dt 33,10a).  
Avivar a memória do Êxodo, impedir a volta da opressão.
- (5) Ser medianeira e animar as celebrações (Dt 33,10b).  
Ajudar a relacionar-se com Deus em comunidade.

- (6) Confiar na força da bênção de Deus (Dt 33,11a).  
Vencer o desânimo e espalhar coragem e otimismo.
- (7) Merecer a confiança sofrendo pelo povo (Dt 33,8b).  
Ter um testemunho de vida que gera autoridade.
- (8) Levantar a Arca da Aliança (Dt 10,8a).  
Cuidar do coração do povo pela ternura e o diálogo.
- (9) Ficar à disposição de Javé para servi-lo (Dt 10,8b).  
Ser de Deus e do povo para o que der e vier.
- (10) Abençoar o povo em nome de Javé (Dt 10,8c).  
Como Jesus andar no meio do povo fazendo o bem
- (11) Ter Javé, ele mesmo, como herança (Dt 10,9).  
Ser despojado de tudo para Deus ser tudo em todos.

Os levitas não eram uma classe isolada, mas viviam integrados e inseridos no meio do povo como parte integrante da vida da comunidade, e não como um clero separado. Exerciam muitas atividades a serviço do povo. Faziam parte do conjunto como os olhos fazem parte do rosto de uma pessoa. Eles são um espelho, onde nós podemos reconhecer muito de nós mesmos. Como os levitas e as levitas de ontem, muitas das nossas comunidades religiosas também vivem misturadas no meio do povo com mil e um tipos de serviços: catequese, saúde, celebração da palavra, ensino, colégios, paróquia, comunidade, visita aos doentes, sindicato, luta pelos direitos humanos, defesa dos injustiçados, círculos bíblicos etc.

### *A espiritualidade que animava os levitas*

O salmo 16 traz uma amostra de como era a espiritualidade que animava os levitas e que eles irradiavam no meio do povo pela sua presença, seu testemunho e seus serviços. Eis o texto do salmo:

<sup>1</sup>Guarda-me, Deus, pois eu me abrigo em ti.

<sup>2</sup>Eu digo a Javé: “Tu és o meu bem!”.

<sup>3</sup>Os deuses e senhores da terra não me satisfazem.

<sup>4</sup>Eles multiplicam as estátuas de deuses estranhos.  
Nunca vou derramar suas libações de sangue,  
nem vou pôr seus nomes em meus lábios.

<sup>5</sup>Javé, minha parte na herança e minha taça,  
meu destino está em tuas mãos.

<sup>6</sup>O cordel mediu para mim um lugar delicioso;  
sim, minha herança é a mais bela.

<sup>7</sup>Bendigo a Javé que me aconselha,  
e, mesmo à noite, interiormente me instrui.

<sup>8</sup>Tenho Javé à minha frente sem cessar.  
Com ele à minha direita, jamais vacilarei.

<sup>9</sup>Por isso meu coração se alegra,  
minhas entranhas exultam,  
e minha carne repousa em segurança;

<sup>10</sup>porque não me abandonarás no túmulo,  
nem deixarás o teu fiel ver a sepultura.

<sup>11</sup>Tu me ensinarás o caminho da vida,  
cheio de alegria em tua presença,  
e de delícias à tua direita, para sempre.

### Breve comentário

O movimento deste salmo é como uma lenta subida que alcança seu ponto alto nos versículos 5 e 6, onde o autor ou a autora define a sua identidade como levita e descreve a herança que recebeu. Os versículos seguintes de 7 a 11 descrevem a consequência dessa herança na vida do levita. Eis o movimento do salmo:

*vv. 1 e 2*

<sup>1</sup>Guarda-me, Deus, pois eu me abrigo em ti.

<sup>2</sup>Eu digo a Javé: “Tu és o meu bem!”.

Estes dois versos introduzem a oração e trazem o resumo de tudo que o autor ou autora vai querer expressar e viver. Javé é o centro da sua vida: “Tu és o meu bem!”. Javé, presença acolhedora e libertadora na vida do povo, sobretudo, na vida do levita!

*vv. 3-4*

Os deuses e senhores da terra não me satisfazem.  
Eles multiplicam as estátuas de deuses estranhos.  
Nunca vou derramar suas libações de sangue,  
nem vou pôr seus nomes em meus lábios.

Aqui se descreve a situação em que se encontrava o levita no meio do povo daquela época. Nestes versos transparece como a imagem de Deus era manipulada pelos poderosos, “os senhores da terra”. O levita vive num mundo onde religião e poder político se misturavam. Em Israel houve períodos em que os próprios reis multiplicavam “as estátuas de deuses estranhos”. Por exemplo, o rei Acab e a rainha Jezabel, na época do profeta Elias (cf. 1Rs 16,29-34; 18,20-40), e o rei Manassés na época de Oseias e Jeremias (2Rs 21,1-16), e tantos outros. “Os deuses e os senhores da terra” com suas estátuas e monumentos impressionavam e inibiam o povo. O levita se posiciona. Ele pronuncia um *não* categórico e expressa o compromisso firme de nunca fazer aliança com os que adoram falsos deuses, falsos valores, falsos ideais. Recusa participar das “libações de sangue”, isto é, nunca vai participar *publicamente* das celebrações e sacrifícios em honra daqueles ídolos que favorecem o poder do rei. Nem vai pôr os nomes deles nos lábios, isto é, nem *privadamente*, só no pensamento, vai envolver-se.

*vv. 5-6*

Javé, minha parte na herança e minha taça,  
meu destino está em tuas mãos.  
O cordel mediu para mim um lugar delicioso;  
sim, minha herança é a mais bela.

O motivo desta atitude rebelde de recusa ante a tentação do poder dos grandes vem do fato de ele ter uma herança bem maior. A herança dele é Javé, o próprio Deus. Deus é o seu patrimônio, sua taça que, de tão grande que é, não se compara com nada, pois é superior a tudo. Por isso tem a coragem de dizer: “Meu destino está em tuas mãos!”. É a entrega total nas mãos de Deus que lhe dá essa liberdade perante os poderosos. Olhando para trás na história do seu povo, ele evoca o tempo dos Juízes, quando, por meio do cordel, a terra foi medida e dividida entre as várias tribos e cada tribo recebeu a sua parte. Naquela ocasião, a tribo de Levi não recebeu terra, mas recebeu o próprio Javé como herança (Js 13,33). Referindo-se a esse episódio do tempo dos Juízes, ele diz: “O cordel mediu para mim um lugar delicioso; sim, minha herança é a mais bela”. A que lugar ele se refere? Como vimos, os levitas viviam nos pequenos santuários de romaria espalhados pelo país, de onde irradiavam a fé em Javé no meio do povo. Esse era para o levita o “lugar delicioso”. Ele está satisfeito de poder viver nesse pequeno santuário, onde pode realizar seu ideal como levita. Sente-se feliz com esse destino e não quer saber de outra coisa. Por isso ele diz: “Javé, minha parte na herança e minha taça, meu destino está em tuas mãos!”. O que segue no salmo é a resposta a esse dom gratuito de Deus.

*vv. 7-8*

Bendigo a Javé que me aconselha,  
e, mesmo à noite, interiormente me instrui.  
Tenho Javé à minha frente sem cessar.  
Com ele à minha direita, jamais vacilarei.

A reação imediata é a gratidão. O levita quer bendizer e agradecer, pois dentro dele, no seu interior mais profundo, abriu-se uma fonte desconhecida de um novo conhecimento, fonte que jorra e, “mesmo à noite, interiormente me instrui”. Quando na escuridão da noite medita sobre essa experiência de Deus, ele tem intuições profundas. É Deus mesmo quem o instrui interiormente, dando conselhos o tempo todo. Um novo horizonte se abriu para ele.

Ele sente-se confortado e vive na presença de Deus: “Tenho Javé à minha frente sem cessar!”. Com Javé à sua direita ele jamais vacilará.

*vv. 9-11*

Por isso meu coração se alegra,  
minhas entranhas exultam,  
e minha carne repousa em segurança;  
porque não me abandonarás no túmulo,  
nem deixarás o teu fiel ver a sepultura.  
Tu me ensinarás o caminho da vida,  
cheio de alegria em tua presença,  
e de delícias à tua direita, para sempre.

O resultado dessa herança na vida do levita é alegria, segurança, vitória sobre a morte e vida para sempre, alegria perpétua na presença de Deus. Nele se realiza o desejo de outro grande levita, Moisés, que pediu a Deus: “Ensina-me o teu caminho” (Ex 33,13). Como outrora Moisés, o levita pede que Deus lhe mostre o caminho da vida. Ele tem certeza de que Deus atenderá ao seu pedido: “Tu me ensinarás o caminho da vida!”. Unido a Deus, ele experimenta a vida com tanta força que a morte já não o assusta mais. Ele está convencido de que vai poder viver para sempre, sem nunca ver a sepultura. Ele já ressuscitou! A ressurreição de Jesus confirmou a esperança do levita anônimo que expressou sua fé neste salmo.

### *O resto da história que ultrapassa o objetivo deste artigo*

Em torno do ano mil antes de Cristo, a conjuntura política em todo o Médio Oriente era marcada pela passagem do sistema tribal para o sistema da monarquia (1Sm 8,5.19-20). A característica do sistema tribal era a descentralização do poder. A característica do sistema da monarquia era a concentração do poder na mão de uma única pessoa a ponto de o poder tornar-se a propriedade pessoal do rei que o transmitia como herança aos seus filhos.



Essa mudança do sistema tribal para o sistema monárquico teve influência negativa na vida dos levitas. A monarquia começou a usar a religião em seu próprio proveito. O desejo de fortalecer o poder em suas mãos levava os pretendentes à realeza a buscar o apoio de algum levita, profeta ou vidente. Isto aconteceu com Saul (1Sm 10,1-8.17-24), com Davi (1Sm 16,1-13), com Salomão (1Rs 1,32-40), com Jeroboão (1Rs 11,26-40; 12,15) e vários outros. Até hoje, os políticos fazem o mesmo.

Davi concebeu a ideia de construir um templo para Javé em Jerusalém (2Sm 7,1-2.13; 1Rs 6,37). A arca da aliança, símbolo e coração da fé do povo, é transferida para lá (2Sm 6,12-19). Assim o Templo de Jerusalém começou a ter mais importância que os outros santuários, e os levitas que animavam o culto em Jerusalém começaram a ter maior importância que os levitas que viviam espalhados pelo interior ao redor dos pequenos santuários da roça.

Além disso, o envolvimento dos levitas na luta pelo poder começou a gerar uma rivalidade entre eles mesmos. No tempo do rei Davi havia dois levitas sacerdotes, Abiatar e Sadoc, que apoiavam o rei (2Sm 8,17). Mas na luta entre os dois irmãos Adonias e Salomão, filhos de Davi, pela sucessão do pai, Abiatar apoiava Adonias (1Rs 1,5-8) e Sadoc apoiava Salomão (1Rs 1,32-34). Salomão venceu e foi aclamado rei, sucessor de Davi (1Rs 1,38-40). Para consolidar seu poder, Salomão matou os que tinham apoiado a Adonias (1Rs 2,34-35.46). Matou o próprio Adonias (1Rs 2,23-25). Não matou Abiatar por ele ser sacerdote, mas exilou-o para Anatot (1Rs 2,26-27).

A família de Sadoc, o preferido de Salomão (1Rs 2,35), conseguiu firmar sua posição de tal maneira que se tornou uma espécie de supersacerdote ou Sumo Sacerdote. Assim, no Templo de Jerusalém a função do levita deixou de ser um ministério ou carisma no meio do povo, para tornar-se uma função a serviço do rei. Começou a separar-se do povo, começou a clericalizar-se.

## Resumindo e concluindo

Apesar dessas mudanças, desvios e crises que foram ocorrendo ao longo da história dos levitas, a inspiração original sempre reaparecia, criticando os desvios e despertando novas vocações no meio do povo. A fonte não secou. Brotava sempre de novo em busca de novas formas de expressão. A melhor definição da missão dos levitas foi dada por uma senhora na periferia de uma pequena cidade no interior do Brasil. Ela disse a respeito da pequena comunidade de religiosas do bairro: “As irmãs são o rosto de Deus para nós!”.

*Salmo 16:* concluímos com uma releitura do salmo 16, feita por uma levita de hoje, inserida no meio popular. O salmo mantém a mesma divisão do salmo 16 na Bíblia:

<sup>1</sup>Guarda-me, ó Deus, pois eu me abrigo em ti.

<sup>2</sup>Com os profetas e profetisas  
do Antigo e Novo Testamento,  
com Maria, a Mãe de Jesus,  
com todos os Santos e Santas que nos precederam,  
com os nossos fundadores e fundadoras,  
junto com todos os mártires da América Latina,  
eu digo a JHWH: “Tu és o meu bem!”

<sup>3</sup>Os valores do sistema neoliberal não me satisfazem.

<sup>4</sup>Eles multiplicam os sonhos que enganam o povo  
e nos desviam do sentido da vida.  
O consumismo e a moda, o dinheiro e fama,  
a oferta facilitada de tanta coisa que só visa ao lucro  
não me seduzem nem me atraem.  
Nunca mais vou me envolver com esses valores,  
nem vou alimentar em mim  
os falsos desejos da sua propaganda.

<sup>5</sup>JHWH, tu és a minha herança, minha taça;  
meu destino está em tuas mãos.

<sup>6</sup>Recebi em herança uma vocação preciosa,  
uma comunidade inserida no meio do bairro,  
amostra bonita do Reino de Deus,

pedra na construção da nova humanidade,  
santuário que me satisfaz plenamente,  
lugar delicioso, pequeno jardim de Deus;  
sim, minha herança é a mais bela.

<sup>7</sup>Bendigo a JHWH que me aconselha.  
Mesmo de noite, interiormente me instrui  
e me faz entender os mistérios da vida.

<sup>8</sup>Tenho JHWH à minha frente sem cessar.  
Com ele à minha direita, jamais vacilarei.

<sup>9</sup>Por isso meu coração se alegra,  
minhas entranhas exultam,  
minha carne repousa em segurança.

<sup>10</sup>Como fizeste com Jesus, ressuscitando-o da morte,  
assim não me abandonarás no túmulo.  
Em Jesus venci a morte, ela já não me assusta.

<sup>11</sup>Tu me ensinarás o caminho da vida,  
cheio de alegria em tua presença,  
delícia perfeita à tua direita, para sempre.

Amém.

VÍCTOR CODINA, SJ\*

Antes de falar da Vida Religiosa (VR) devemos centrar-nos na Igreja em cujo seio se situa a VR como um carisma que forma parte de sua vida e santidade (LG 44). Por isso a imagem de VR está intimamente ligada à imagem de Igreja: não é o mesmo uma Igreja davídica e uma Igreja nazarena; tampouco é igual uma VR davídica e uma VR nazarena.

### *A monarquia davídica*

O povo de Israel pediu ao profeta Samuel que lhe desse um rei, como em outras nações. Apesar de que tanto Samuel como sobretudo Javé não estavam conformes com esse pedido, o Senhor disse a Samuel que cedesse e lhes desse um rei (1Sm 8,1-22).

Pois bem, o representante mais paradigmático da monarquia é Davi. Davi ficou no imaginário de Israel como o modelo do Messias futuro, Filho de Davi, e nessa imagem conflui todo o poder religioso e humano da teocracia de Israel.

O Israel monárquico e davídico se esquece de que foi um povo escravo, libertado por Javé, se esquece da aliança, cria uma economia de abundância para o grupo palaciano enquanto o povo sofre opressão e fome, a religião se converte em religião oficial, insensível à dor do povo, muito longe de buscar uma sociedade alternativa. Não é algo casual que o Israel davídico acabasse no exílio, sem escutar os profetas. Por isso não é casual que Jesus, descendente de Davi, evite o título de Filho de Davi e prefira o de Filho do homem e, mais concretamente, o de Jesus de Nazaré.

\* **Víctor Codina** (Barcelona, 1931) é jesuíta, licenciado em filosofia e letras (Barcelona), e em teologia (Innsbruck); doutor em teologia (Roma), foi professor de teologia na Espanha (Barcelona), mas desde 1982 reside na Bolívia, onde ensinou teologia na Universidade Católica Boliviana de Cochabamba e realizou trabalhos de pastoral popular, formação de leigos, CLAR etc. Atualmente é professor emérito. Entre suas últimas publicações, destacam-se: *Una Iglesia Nazarena*, Santander, 2010, *Diario de un teólogo del posconcilio*, Bogotá, 2013, e *Diosito nos acompaña siempre*, Cochabamba 2013. **Endereço do autor:** Pasaje Escudaño 101, Cochabamba, Bolívia. **Endereço postal:** Casilla 2175 – Cochabamba, Bolívia. **E-mail:** victorcodinasj@gmail.com.

## Jesus de Nazaré

Jesus é Jesus de Nazaré, o profeta de Nazaré da Galileia (Mt 21,11). Não se fala de Nazaré em todo o Antigo Testamento, e a Galileia é uma região desprezada em Israel, não só pelo seu modo peculiar de falar, senão também por sua fama de gente turbulenta e autônoma, rústica, ignorante e pouco religiosa, com influxos pagãos; gente de má fama, povo inculto e pobre, desprezado por não conhecer nem praticar a lei (Jo 7,48-49).

Nazaré era um pequeno povoado galileu, de apenas 200 ou 400 habitantes, alguns dos quais viviam em grutas escavadas nas encostas, mas a maioria em casas de pedra ou adobe, teto de ramas secas com argila, chão de terra batida; ordinariamente tinham um só cômodo e as casas davam para um pátio comum, compartilhado por várias famílias.

As escavações arqueológicas da Galileia do século I descobrem em Nazaré lagares de vinho, pedras de moinho para moer grão, mós de azeite, ou seja, uma aldeia de caráter rural e pobre, sem ruas pavimentadas nem edifícios públicos, nem inscrições, nem afrescos decorativos ou mosaicos, sem artigos de luxo como frascos de perfume. Jesus viveu em um ambiente rural, do qual tirou a maioria de suas comparações e parábolas: os lírios, os pássaros, o grão de trigo, as figueiras, a videira e seus sarmentos, as galinhas, a raposa, o fermento, a lâmpada no candeeiro, a mulher que procura a dracma perdida, o pastor, as ovelhas e o lobo, o vento que sopra sem que possamos saber para onde vai, o céu avermelhado que ameaça tormenta.

Além disso, a população tinha que dar 90% de seu trabalho para pagar os tributos a Roma. Havia uma situação de opressão e de violência política: no ano 4 a.C., três legiões romanas sufocaram um levantamento de judeus, queimaram a cidade de Séforis e escravizaram seus habitantes. Séforis estava a 10 km de Nazaré.<sup>1</sup>

Em Nazaré, Jesus viveu a pobreza do trabalhador manual, do artesão que tinha de buscar trabalho nas aldeias vizinhas como muita gente, como os trabalhadores que procuram

1. JOHNSON, Elisabeth A. Nuestra hermana de verdad. Concilium 327, p. 11-19, set. 2008.

quem os contrate. Jesus se iniciou na religião de Israel, na experiência religiosa do povo judeu em sua família de Nazaré. Ali aprendeu a espiritualidade dos pobres de Javé dos pós-exílio, dos *anawim*, com suas orações, seus ritos, suas reuniões aos sábados na sinagoga.

Nazaré é certamente um lugar geográfico e de origem, que constitui como que o sobrenome de Jesus. Jesus é Jesus de Nazaré; mas Nazaré não é só lugar geográfico, é também um lugar teológico, é o estilo de vida pelo qual Jesus opta para sua encarnação e sua missão, o que Paulo com uma palavra mais técnica grega chamará de *kénosis*, o esvaziamento, despojamento e aniquilamento de Jesus, que tomou a forma de escravo (Fl 2,7).<sup>2</sup>

Em Nazaré Jesus passa a maior parte do tempo de sua vida, uma vida oculta, monótona, de trabalho manual e camponês, uma vida anônima, vulgar, como a da maioria da humanidade, a vida de um homem que não sobressai, um vizinho a mais, um número do censo.

Depois do batismo e de sua experiência teofânica de ser proclamado Filho do Pai e de receber o Espírito, Jesus vai ao deserto, movido pelo Espírito para ser tentado pelo maligno. Essas tentações não são de ordem moral, nem para dar-nos exemplo, e sim um tempo de discernimento entre dois tipos de messianismos que se lhe apresentam: o messianismo de poder e prestígio, tipo davídico, e o messianismo pobre e simples na linha dos profetas de Israel e de sua vida em Nazaré. E Jesus se decide por esta última opção, a opção nazarena, rejeitando o poder político, social e o prestígio religioso.

Depois do deserto Jesus se dirige à sinagoga de Nazaré (Lc 4,14-30). Lá, descobrimos os principais elementos de sua opção por um messianismo nazareno no anúncio de seu programa messiânico: reconhece-se situado na tradição dos profetas de Israel (Is 61), sente-se ungido pelo Espírito, proclama uma missão que é Boa-Nova e alegria para os pobres, liberdade para os oprimidos, um projeto profético que se realiza “hoje”, ou seja, um Reino ou Reinado de Deus que se realiza na história presente.

2. CALDERÓN, J. Álvarez. Nazaret: su significado para Jesús y para la Iglesia. Páginas, Lima, n. 105, p. 15-31, out. 1990.

Essas propostas escandalizam e desagradam seus concidadãos, que, por um lado, o desprezam por ser simplesmente o filho de José e, por outro, querem ver milagres, ou seja, querem que ele atue como Filho de Davi. Indignados, seus compatriotas tentam atirá-lo por um despenhadeiro.

Lucas anuncia assim, simbolicamente, o que será a paixão: os representantes de Israel que esperam um Messias Filho de Davi não reconhecem o Nazareno que se faz passar por Filho de Deus. Quando mais adiante Judas e os guardas enviados pelos sumos sacerdotes e fariseus vão ao horto para prender Jesus, dizem que procuram a Jesus, o nazareno. Jesus confessa duas vezes que é ele: “Eu sou” (Jo 18,1-9), com uma afirmação que é uma verdadeira teofania.

Na sinagoga de Nazaré, já se anuncia o INRI que Pilatos quis colocar na cruz, “Jesus de Nazaré, rei dos judeus”, e que não quis retirar, apesar das pressões dos sacerdotes: “O que escrevi escrito está” (Jo 19,22).

A Galileia será também o lugar onde Jesus ressuscitado se manifesta aos discípulos (Mt 28,16) para conferir-lhes a missão universal. O ressuscitado é o crucificado, mas podemos acrescentar que o crucificado é o nazareno, é Jesus de Nazaré, o galileu.

Em Pentecostes, Pedro anuncia ao povo que Jesus de Nazaré, reconhecido por Deus e que eles entregaram aos pagãos para ser crucificado, Deus o ressuscitou (At 2,22-24). Paulo, a caminho de Damasco, envolto numa luz brilhante e derrubado ao chão, ouviu uma voz que lhe dizia que era Jesus de Nazaré a quem ele perseguia em seus irmãos (At 22,6-8). Pedro e João curam o aleijado que estava junto à porta do templo em nome de Jesus de Nazaré, que constitui sua única riqueza (At 3,3-7). Os textos poderiam multiplicar-se.

Os primeiros seguidores de Jesus são chamados da seita dos nazarenos (At 24,5) e só mais tarde, em Antioquia, em um ambiente não judeu, serão chamados cristãos (At 11,26). Mas existe o perigo de que o nome de Cristo e de cristãos escureça a referência histórica a Jesus de Nazaré.

## *A tentação davídica da Igreja*

Pois bem, apesar da tradição nazarena do Evangelho e da Igreja primitiva, apesar da triste história da monarquia davídica, a tentação permanente da Igreja é a de configurar-se como o Reino de Davi, converter-se assim numa Igreja davídica, como assinalou o biblista Norbert Lohfink.<sup>3</sup>

A Igreja de Críandade pode ser um exemplo dessa tentação davídica à qual a Igreja está permanentemente submetida: poder, aliança com o Império de turno, identificação da administração eclesiástica com o poder sagrado, que se chama hierarquia, uma Igreja que se apresenta como mãe, mestra e senhora, fonte de poder e de verdade absoluta, que usa o poder e, inclusive, a violência contra seus inimigos.

A Igreja de Críandade se define como sociedade perfeita em paralelismo e competição com a sociedade civil, considera a monarquia como a forma perfeita de governo social; por isso celebra a festa de Cristo rei e de Maria rainha esquecendo, muitas vezes, que a realeza de Cristo é a de Jesus de Nazaré, crucificado, que reina a partir da cruz, e que Maria rainha é, em realidade, a Maria pobre e simples de Nazaré.

A Igreja davídica é uma Igreja em que o Papa é não só Vigário de Pedro, senão também Vigário de Cristo e Vigário de Deus, chefe do Estado Vaticano. Na Igreja davídica de Críandade se estabelecem os Estados pontifícios, promovem-se as Cruzadas, funda-se a Inquisição, assinam-se alianças e concordatas com os governos, os núncios são diplomáticos elevados à categoria de bispos, recebe-se ajuda econômica do Estado em troca de abençoar e conservar a estrutura política reinante. Esta é a Igreja davídica.

## *A caminho de uma Igreja nazarena*

Isto significa que a Igreja não deve cair na tentação davídica e converter-se sempre de davídica a nazarena.<sup>4</sup> Passar de uma Igreja davídica a uma Igreja nazarena significa, entre outras coisas:

3. N., LOHFINK. *La tentación davídica de la Iglesia*. Seleccionaciones de Teología 73 (1980) 75-79.

4. CODINA, V. *Una Iglesia nazarena*. Santander, 2010. p. 205-215.



- uma Igreja que, antes de evangelizar e agir, tem que se aproximar e conviver com o povo pobre e, a partir daí, aproximar-se de Deus e experimentá-lo como o Deus da vida e dos pobres, como fez Jesus de Nazaré;
- uma Igreja mais testemunhal e com menos meios de poder econômico e de prestígio social e religioso, mais dialogante, que escute e aprenda, que se deixe evangelizar pelos pobres antes de evangelizar ela mesma;
- uma Igreja em constante diálogo com o povo e seus problemas e inquietudes reais, sem querer dogmatizar lá de cima e sem continuar afirmando coisas que talvez sejam verdades, mas que não interessam realmente ao povo;
- uma Igreja não clerical e sim laical e popular, Povo de Deus, antes de afirmar sua dimensão hierárquica e muito menos de identificar-se com a hierarquia;
- uma Igreja menos ocidentalizada e mais aberta às culturas não ocidentais que são menos racionalistas e mais simbólicas e narrativas, menos dualistas e mais integrais, mais respeitadas do corpo e da natureza, menos individualistas e mais comunitárias, menos consumistas, mais contemplativas e abertas ao Mistério;
- uma Igreja que fale a língua e cultura do povo, com uma linguagem simples e compreensível, como a de Jesus que falava em parábolas;
- uma Igreja livre de alianças com o poder que sempre corrompe, confiando na força do Espírito;
- uma Igreja que aceite a religião do povo, suas festas, sua mentalidade, seu sentido comunitário e religioso, seu sincretismo;
- uma Igreja menos impositiva, que não queira que seus dogmas e normas morais se imponham obrigatoriamente a todos os cidadãos, senão que respeite a liberdade religiosa, a não confessionalidade do Estado e o pluralismo da sociedade civil;
- uma Igreja lenta e sem pressas, que não acelere processos nem ritmos, que dialogue com o mundo científico e técnico, que reconheça que não tem a resposta a todos

os problemas de hoje, que não condene antes do tempo, que não queira arrancar o joio prematuramente, pois é possível que com ele se arranque também o trigo bom;

- uma Igreja que procure o bem das pessoas antes que a defesa de seus privilégios e de seus direitos, que não queira fazer proselitismo nem ganhar adeptos, e sim, antes de tudo, humanizar, dar vida, comunicar esperança;
- uma Igreja que não se limite a interessar-se pela vida intrauterina e a vida eterna... e sim que se interesse pela história e queira que todos tenham uma vida humana digna neste mundo;
- uma Igreja que, como no tempo dos primeiros cristãos, esteja mais ligada à casa que ao templo, a uma comunidade que atua de forma capilar desde o chão mais do que desde o poder de suas instituições confessionais;
- uma Igreja mais copulativa e inclusiva do que disjuntiva e excludente, que use mais a conjunção copulativa (e) que a disjuntiva (ou);
- uma Igreja que não se converta em uma seita ou um gueto, senão que seja uma Igreja de portas abertas, do umbral, do átrio, que respeite os diversos ritmos e situações do povo; um átrio onde não só há gentios, mas também muitos cristãos que, por muitos motivos, permanecem sempre no átrio sem passar adiante;
- uma Igreja que oferece a Boa-Nova do Evangelho e seu grande tesouro, o mistério de Jesus de Nazaré morto e ressuscitado, que quer comunicar a mística de sua experiência fundante, mas sem forçar a ninguém, como a fonte das praças que oferece água, mas não obriga ninguém a beber;
- uma Igreja que anuncia e quer viver os valores alternativos do Reino: a lógica da gratuidade que vai mais além da lógica da simples equivalência; o colocar o ser humano por cima de tudo, também por cima da religião do sábado; que renuncia a todo tipo de dominação, buscando estruturas fraternais, que se afasta de todo tipo de violência; que inicia a oração e a experiência espiritual;

- uma Igreja sensível ao Espírito, que sopra hoje através das mulheres, jovens, indígenas, povos simples e pobres, a terra escravizada; de um Espírito que atua através de artistas e cientistas, de filósofos e de movimentos sociais, de credos e religiões; uma Igreja não androcêntrica nem identificada com a cultura europeia;
- uma Igreja menos ativista, mais mística e profética, mais contemplativa e menos gerencial, mais sensível à ecologia, mais fraterna e comunitária, que procure uma sociedade alternativa próxima do Reino; uma Igreja mais ícone que empresa, criativa e imaginativa, dialogante com todas as religiões e culturas, que não condene; uma comunidade viva, não morta e sepultada entre edifícios históricos convertidos em museus do passado; uma Igreja em crescimento como o grão de mostarda, a pequena semente vegetal que cresce lentamente, sem pressa.

A lista poderá estender-se muito mais. O importante é ter um critério evangélico para julgar nossa atitude eclesial. Não se exclui a necessidade de instituições e estruturas, o que se pede é que sejam transparentes, proféticas, evangélicas, nazarenas.

Esta é a Igreja que desejava João XXIII para o Concílio. E quando hoje o novo bispo de Roma, Francisco, propõe uma Igreja pobre e dos pobres, uma Igreja que anuncie o perdão e a misericórdia de Deus Pai, na qual os pastores vão às periferias e têm o cheiro das ovelhas, onde se respeite a piedade do povo pobre e simples, uma Igreja sem pompa nem triunfalismo, profética diante das injustiças e serviçal... não está propondo uma volta à Igreja nazarena?

### *Uma Vida Religiosa nazarena*

Se existe na Igreja um carisma que quer voltar continuamente às raízes da vida cristã e do seguimento de Jesus de Nazaré, a uma Igreja nazarena, é o carisma da Vida Religiosa. Tudo quanto se disse sobre a Igreja nazarena se aplica perfeitamente à VR.

Em suas origens carismáticas, a VR foi sempre evangélica e nazarena, simples, pobre, periférica e afastada dos centros de poder social e eclesial, mística, contemplativa, profética, solidária com os pobres, evangelizadora e missionária, com uma vida comunitária fraterna, aberta a novas fronteiras, em comunhão eclesial, mas com liberdade crítica, em fidelidade criativa, testemunhal, transparente, centrada no seguimento de Jesus de Nazaré morto e ressuscitado. A VR foi sempre uma profecia nazarena diante da tentação de uma Igreja davídica.

Mas com o tempo a VR foi sucumbindo à tentação davídica: poder e influência social e eclesial, riqueza e abundância, ostentação, excessiva institucionalização, crescimento numérico ambíguo, ativismo, perda de mística, maior atenção aos setores médios e altos do que aos pobres, comunidade funcional e pouco fraterna, nível de vida acomodado, meios abundantes para cumprir sua missão apostólica, progressiva clericalização e paroquialização com uma menor valorização dos carismas de VR laicais masculinos e femininos etc.

Por isso, na história da VR tem havido contínuos movimentos de reforma, de volta ao Evangelho e ao carisma original. Também o Vaticano II exortou a VR a uma volta às suas origens (PC 2), e a exortação pós-sinodal *Vita Consecrata* de João Paulo II tornou a insistir nisso: uma volta aos ícones da transfiguração, do lava-pés e da comunidade primitiva de Jerusalém, ou seja, a ser viva confissão da Trindade, sinal de fraternidade e serviço de caridade.

É inegável que a VR levou muito a sério as exortações do Vaticano II e, na América Latina, a impulsos de Medellín e da CLAR, se renovou profundamente: opção pelos pobres, VR inserida em meios populares, CRIMPO, *lectio divina*, espiritualidade libertadora mística e profética etc.

Mas agora, sem tê-lo pretendido diretamente, a VR sofre uma profunda crise: diminuição de vocações, envelhecimento, êxodo de muitas vocações jovens no tempo de formação ou no começo da etapa apostólica, união jurídica de províncias, passagem de instituições a outras mãos, necessidade de apoio intercongregacional, dificuldades

econômicas, problemas com os governos que vão assumindo tarefas de educação, saúde, atenção social; famílias que marginalizam a VR, angústia diante do futuro. É como se a VR tivesse sido sacudida por um terremoto, por um furacão, por um tsunami devastador.

Parece que uma série de fatores circunstanciais externos foram erosionando lentamente, desde fora, os elementos mais davídicos da VR e nos empurram a uma VR mais nazarena: simples, pobre, mais fermento do que cimento, com a influência do débil e do pequeno, mais mística e contemplativa, atenta aos lugares onde a vida clama, menos protagonista e sem tanto poder econômico, social nem eclesial, mais próxima do povo sem pretender salvá-lo desde cima, e sim acompanhá-lo e caminhar com ele, em diálogo, com menos instituições, mas talvez mais significativas, com uma maior colaboração dos leigos e outro/as religiosos/as, confiando mais na Providência do Pai que cuida das aves e veste de esplendor os lírios do campo, acreditando na força do Espírito que dá vida e é capaz de ressuscitar mortos.

Está se tornando pouco a pouco uma VR mais nazarena. O importante é viver com profundidade este momento de graça, de trânsito pascal, este *kairós* ou tempo oportuno, esta *kénosis* ou esvaziamento, sem sentir nostalgia de um passado e de outras formas de VR mais davídicas. Não se assemelha esta situação à que viveram nossos fundadores e fundadoras no começo de nossos Institutos? Não se parece ao que foi a vida das virgens e ascetas no seio da comunidade eclesial primitiva (PC1)?

Talvez agora possa surgir uma VR mais jovem, mais autóctone, mais livre, mais original e criativa, mais fraterna, mais imaginativa, mais aberta a outras formas de vida comunitária e de apostolado, menos empresarial e gerencial, mais receptiva e humilde; em uma palavra, mais nazarena.

Para que essa mudança possa fazer-se realmente com profundidade, é preciso uma conversão pessoal e coletiva da VR a Jesus de Nazaré, à sua vida, pregação, paixão e ressurreição, um desejo sincero e apaixonado de segui-lo mais de perto, uma confiança no Espírito que nos impulsiona

a viver e a prosseguir a vida de Jesus em nosso mundo de hoje, em nosso caminhar com toda a Igreja e com toda a humanidade em direção ao Reino de Deus.

Certamente diante dessas mudanças algumas pessoas nos perguntarão – ou talvez nós mesmos nos perguntemos – se de uma Igreja nazarena e de uma VR nazarena pode sair algo bom. Podemos responder como Filipe a Natanael: “Venha e verá” (Jo 1,46).

Tradução: IR. VILMA MOREIRA

## A Palavra raiz da profecia

IR. HELENA T. RECH, STS\*

### Introdução

O que é a “Palavra” de Deus? É algo muito diferente do sentido que lhe damos na língua portuguesa, com enunciado de um conceito, ideia, imagem. Não é um vocábulo ou som. Na Bíblia, Palavra é uma “coisa”, “matéria”. A *Palavra* não é uma ideia ou conceito que vai ficando guardada em nossa memória e expressa por meio da palavra escrita ou oral. Ezequiel (Ez 3,1-3) escreve que a Palavra engolida tem *gosto de mel* (matéria/coisa): une a *Palavra* ao *estômago*. O livro do Apocalipse 10,8-11 refere-se igualmente à *Palavra* como *alimento* e *anúncio* profético: “Aquele voz dos céus... tornou a falar: ‘Vá. Pegue o livrinho na mão do anjo...’. Ele falou comigo: ‘Pegue-o, coma’. Será amargo no estômago, mas na boca será doce como o mel. Então disseram: ‘Você tem ainda que profetizar contra muitos povos...’”.

Portanto, o sinal acompanha a Palavra. Se alguém diz que ama, a palavra necessita ser acompanhada de um “sinal”, que sinaliza para aquele que escuta a verdade contida na mesma. Jesus, ao dizer que “amar é dar a vida” (PALAVRA), ao morrer e ressuscitar, materializa-se para dar o significado da mesma.

A Palavra está dirigida ao ser humano – Deus vem ao seu encontro e se revela; toma a iniciativa de manifestar-se e sinalizar-se; manifesta-se materialmente em todos os momentos e não circunstancialmente, como num retiro, por exemplo, num encontro com uma pessoa em situação de rua, numa perda ou grande alegria. A Palavra não é “coisa”

\* Ir. Helena Teresinha Rech pertence à Congregação das Servas da SS. Trindade. É coordenadora-geral, teóloga, doutora em Espiritualidade e membro do Conselho Editorial da Convergência. **Endereço da autora:** Rua Barão do Bom Retiro, 559, Engenho Novo, CEP 20715-000, Rio de Janeiro-RJ. **Tel.** (21) 2501-7583. **E-mail:** helenarech@ig.com.br.

isolada da realidade, mas é realidade visível, sensível e palpável, que se pode tocar, torna-se materializada e materializante. Para o povo no deserto a Palavra é água, pão, carne.

### 1. “No princípio era a Palavra...” (Jo 1,1)

Vivemos um tempo de inflação de palavras que não são acompanhadas de gestos concretos; muitas vezes, palavras ocas e vazias, sem nenhum significado material. São palavras enganadoras e sedutoramente pronunciadas e não acompanhadas de sinais visíveis. Às vezes, elas nos saturam, são repetitivas, sem relevância, manipuladoras, vazias da verdade.

A Palavra de Deus tem uma força expressiva e um dinamismo criativo. Deus Uno e Trino é Palavra criadora, pois o que Ele diz é criado. No livro do Gênesis, capítulo primeiro, encontramos sete vezes a expressão “Deus disse”, e o que Ele diz (Palavra) se realiza, se “materializa”. A Criação surge de sua Palavra

No prólogo de São João, a expressão “no princípio era a Palavra” quer nos dizer que Deus é Palavra criadora, e em Jesus, ela se faz carne. Jesus é a única Palavra do Pai, segundo São João da Cruz: “O Pai pronunciou uma Palavra, que foi seu Filho e sempre a repete num silêncio eterno; por isso, em silêncio ela deve ser escutada pela alma...”. O Pai disse sua Palavra definitiva em Jesus, o Filho Amado. O Verbo da Vida é dito no silêncio criativo e dinâmico da Divina Ruah.

Essa Palavra *acontecimento* se prolonga na vida e missão de Jesus. Seus *gestos* e *palavras* fazem acontecer a vida nova nas periferias, são a esperança daqueles que estão à margem, são sentido, esperança, pão, peixe, vinho novo, perdão, escuta, carinho, cuidado, redenção.

A Palavra de Deus é unção (milagre) que, ao materializar-se, transforma o ambiente, as pessoas, os acontecimentos, a história.

Sem matéria não há Palavra. Jesus, o Logos-Verbo que se fez carne e veio habitar em nosso meio (Jo 1), revela-nos a certeza de que Deus se faz e se fará presente no meio do

mundo como expressão do seu amor e da sua ternura. Mas a palavra de Jesus, por ser Palavra do Pai, virá sempre acompanhada de sinais, materializando-se, tornando-se sinal visível aos seus discípulos e à multidão que o ouve e o segue (Jo 6,1-15.35-59).

A verdadeira *palavra* não é a que pronunciamos com nossa boca, mas a que sai do profundo de nosso ser. Em clima de silêncio, à luz da Palavra, aprenderemos a reconhecer os *sinais* de Deus. A *palavra* gestada no silêncio do coração é como água fresca da fonte que sacia a sede silenciosa e eficazmente. É como o pão no deserto que sacia o peregrino faminto ou como o colo acolhedor que aconchega o desanimado, ombro que apoia e fortalece quem está sem forças para caminhar.

## 2. “Vou aproximar-me para admirar...” (Ex 3,1-4)

Só o silêncio e a contemplação poderão gerar palavras vivas e de vida. Para isso é necessário *escutar* e *aproximar-se* da Palavra. Silêncio, escuta e Palavra são companheiras inseparáveis para quem busca fazer um itinerário espiritual e missionário. Para escutar supõe-se interioridade, pois “vivemos mergulhados num mundo de vozes; um vozerio nos cerca: vozes que nos levam à morte, vozes que nos chamam à vida; vozes contaminadas pelo egoísmo, adulteradas pelo medo, deturpadas pela impureza, e vozes que são eco do paraíso convidando para a festa, comunicando a paz, convocando à comunhão...” (Pe. Adroaldo, SJ).

A Palavra de Deus nos introduz e nos seduz nos caminhos de Deus. A escuta e a interioridade nos aproximam de Deus e de sua Palavra viva, criativa e encarnada.

Moisés é pastor de ovelhas de Jetro, seu sogro. Certo dia, levou o rebanho pelo deserto adentro e chegou ao monte de Deus, o Horeb. Ali foi atraído por algo surpreendente: uma sarça em chamas que não se consome. Pensou: “Vou aproximar-me para admirar esta visão maravilhosa...”. E Moisés se aproxima para olhar. Javé viu que Moisés se aproximava para olhar e do meio da sarça o chamou: “Moisés, Moisés!” (Ex 3,3s).

“Aproximar-se” significa: vou chegar perto, vou avizinhar-me, vou colocar-me dentro, mergulhar na realidade que está diante de mim. Moisés deixa que a *presença* e a *Palavra* de Javé penetrem seu coração, tomem conta de todo o seu ser. Deixou de satisfazer-se de visões parciais, com sua rotina cotidiana, e voltou seu olhar, sua interioridade, para o essencial. Diz-nos o texto que, quando Moisés aproximou-se, “o Senhor o viu... e o chamou”. Ele respondeu: “Aqui estou!”.

Não será este o caminho da Vida Consagrada? Aproximar-se, penetrar, mergulhar em Deus, escutar sua Palavra e contemplar sua presença no cotidiano? Deixar uma espiritualidade vaga, como espectadores, e buscar Aquele que nos chama desde a “sarça ardente”, se revela e toca nosso interior? Deixemo-nos ungir e enviar para aqueles dos quais Ele conhece o sofrimento, a aflição e a miséria. Coloquemo-nos dentro da sarça, chama do amor da Trindade que nos aquece no cotidiano e nos faz Palavra viva do seu amor. Obedecer e deixar-se enviar é deixar-se *queimar* pela Palavra e ser “Luz das nações” (Is 49,6).

A Vida Religiosa Consagrada é chamada a ser *Luz das nações*, presença e palavra profética. Mas sem a *mística* e a *profecia* não existe Vida Religiosa. Na *proximidade* e intimidade com Deus, e junto aos pequenos e amados do Reino, aprenderemos a ser mulheres e homens místicos e proféticos no mundo, luz e sarça de Deus.

Uma das dimensões da profecia hoje é *humanizar*. Humanizar as relações diante da escravidão do tempo, dos ídolos de nossa cultura – o prazer imediato, o consumismo compulsivo e irresponsável, o individualismo, o ego. Humanizar é antes de tudo humanizar-se. Um grande desafio profético: não cair na rede e na lógica do mercado, mas humanizar-se é descobrir a sabedoria dos pequenos, dos sem garantias e daqueles que não são contados. Este é um *tesouro escondido* que precisa ser procurado pela VRC.

## 3. A Palavra – “tesouro escondido...” (Mt 13,44-46)

Aproximar-se e deixar-se tocar pela Palavra, torná-la encarnada na vida, gestá-la no coração, nos gestos, no anúncio



profético, supõe busca. A Palavra é um *Tesouro* que precisa ser encontrado. Sabemos onde ele se encontra. Somos peregrinas e peregrinos da Fé com um coração insaciável. A parábola nos mostra que encontrar não significa possuir. Há um longo percurso. Temos de “escondê-lo onde o encontramos” e ir vender tudo o que possuímos e não nos pertence ou aquilo que nos impede de possuí-lo.

A parábola tem algo a nos revelar de muito importante. Deixar a mentalidade imediatista. Ela nos ensina que Fé é fidelidade que se constrói no dia a dia, em meio aos desafios, não um mero entusiasmo do momento. Espiritualidade é processo, consagração é processo, opção pelos empobrecidos é processo, justiça, solidariedade, profecia... são processos que acontecem no aprendizado com Jesus, nos pequenos passos, concretos e expressivos.

Ter encontrado o *Tesouro* realça de novo o caminho da busca. Vida Espiritual, missionariedade, é busca longa, demorada, paciente e comprometida daquilo ou daquele que já encontramos. “Não seríamos buscadores de Deus se não o tivéssemos já encontrado.” Encontrar é o primeiro passo para a busca de um amor absoluto. Esse amor, qual semente que se torna fruto, precisa de tempo para amadurecer. E o verdadeiro amor amadurece no silêncio e na intimidade, caso contrário corre o risco de banalizar-se. Será um fruto sem sabor. “Esconder o Tesouro” já encontrado é garantia de sempre buscá-lo. E buscá-lo com sabedoria e humildade.

E quem ama sempre “guarda” o tesouro no segredo de seu coração. Jesus nos revela um segredo: “Quem me ama, guarda a minha Palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23). Maria “guardava” a Palavra em seu coração, os acontecimentos, porque amava a Palavra Viva do Pai. Mesmo sem tudo compreender, deixou que a Palavra amadurecesse no silêncio do coração até ser Palavra Vida, encarnada em Jesus. Quem ama “guarda a Palavra-Jesus” e o Pai o amará. O Pai e Jesus virão para morar nesse coração. Aí faremos a experiência do Pai amoroso que nos conhece melhor do que nós nos conhecemos.

Santo Agostinho escreve com muita beleza a experiência desse amor:

Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipita-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não eram se em ti não fossem. Chamaste e clamaste e rompestes minha cegueira; brilhaste, cintilaste afastaste a minha cegueira; exalaste o teu perfume, e eu respirei e suspiro por ti; saboreei-te, e tenho fome e sede; tocaste-me, e inflamei-me no desejo de tua paz (Confissões, X, XXVII).

No escondimento e no silêncio interior descobriremos um verdadeiro *Tesouro* para a VRC: a *mística* e a *profecia*, convite ao silêncio e à conversão. Amar e guardar a Palavra significa estar plenos de alegria para *vender todos os bens e comprar aquele campo*. Amar é revelar o verdadeiro Tesouro e compartilhá-lo com todas as pessoas buscadoras de tesouros. É solidarizar-se com os que ainda não o descobriram e indicar o campo onde encontrarão o tesouro. Melhor ainda, fazer-nos buscadores do campo e do *tesouro* junto com o povo. Esta é nossa mais bela missão de discípulas e discípulos ouvintes da Palavra que, com o coração inquieto, estamos sempre em busca.

#### 4. “Acende a lâmpada e procura cuidadosamente..” (Lc 15,8)

Muitas vezes, *aproximar-se* de Deus, buscar o *tesouro* e viver a *mística* e a *profecia* significa ser humilde e pequena/o. Sentir-se necessitada/o de “acender a lâmpada e procurar cuidadosamente”. Este é o segredo de quem quer viver de forma coerente e verdadeira a Palavra de Deus. Quem ama a Palavra sabe procurar “cuidadosamente”.

No contexto atual, somos empurrados a sempre buscar o mais fácil, o mais acessível, o mais rápido... a acender muitas luzes. Quem sabe um grande luzeiro que nos faça brilhar?

Mas o Evangelho nos ensina a “acender uma lâmpada”, descer às profundidades de nosso ser, ouvir, contemplar *cuidadosamente*.

No mundo existem muitas fogueiras e luzes que desumanizam e nos fazem ver e buscar superficialmente. Em nossas entranhas se esconde a verdadeira luz que sempre nos surpreende e despoja diante de Deus.

No contexto atual da VRC ainda sabemos “acender a lâmpada” do cuidado, da mística, da sabedoria, do silêncio? Em meio à gritaria ensurdecidora do mundo moderno e dos milhões de vozes do dia a dia, ainda se encontra acesa em nosso interior a *lâmpada* do silêncio, de um silêncio cheio de amor e ternura?

Em *1Sm 3,1*, encontramos este texto: “A Palavra de Javé era rara e as visões não eram frequentes”. Mas no v. 3 diz que “a lâmpada do santuário ainda não tinha sido apagada...”.

O nosso tempo não é tão diferente. A “Palavra do Senhor continua rara” e as visões pouco frequentes. Também nosso cotidiano torna-se tantas vezes rarefeito, fragmentado, ausente da relação profunda com Deus e da abertura às suas manifestações. Não temos tempo. Corremos o dia inteiro.

Porém, neste contexto hostil e vazio, o pequeno Samuel, que dorme no templo, não deixa a *lâmpada se apagar*. Sua lâmpada interior também está *acesa* e seus ouvidos atentos às manifestações de Deus: “Fala, que teu servo escuta” (v. 9). E a nossa lâmpada ainda está acesa? Ainda temos azeite para alimentá-la, ou somos como as “virgens insensatas” que deixaram o *Noivo*, para tentar *procurar* as últimas gotas que ainda nos restam? E é na correria da última hora que tentam encontrar. Mas o segredo e a sabedoria interior é *buscar cuidadosamente*, atenciosamente e com a *lâmpada acesa*. João Clímaco, na primeira metade do século VII, escreve: “O amigo do silêncio aproxima-se de Deus e, encontrando-se com Ele em segredo, recebe a sua luz”. Ele é a nossa luz. Na verdade, é à luz da Palavra e na presença de Deus que poderemos ver quem somos, vender o que temos e comprar o campo que guarda o tesouro.

### *Uma palavra final*

É impossível “concluir” esta reflexão sobre a Palavra de Deus em nossa vida. Deixo apenas uma “palavra final” para que você, leitora e leitor, continue buscando, através da vida e reflexão, o *Tesouro*, aproximando-se da *saíra*, acendendo a *lâmpada* e procurando *cuidadosamente* a Palavra de Deus no cotidiano, deixando que Ele *desperte seus ouvidos* a cada manhã.

A Palavra de Deus é para nós o verdadeiro itinerário que nos introduz na vida espiritual e no aprendizado da escuta. O Senhor está pronto a chamar-nos e enviar-nos. Tantas vezes nos damos conta de como somos surdas/os. “Deus é Palavra suprema e silêncio infinito”. Para escutar é preciso desnudar-se das próprias palavras, para reconhecer a *Palavra* do Amado, estar em sintonia com o que Ele fala. No discipulado, Ele nos desperta e capacita para ouvir: “Todas as manhãs ele faz meus ouvidos ficarem atentos para que eu possa ouvir como discípulo” (Is 50,4b). “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”, diz Jesus aos seus discípulos e discípulas.

Ouvir a Palavra é encarná-la, “guardá-la”, torná-la “coisa”. São Tiago escreve: “Sede praticantes da Palavra e não meros ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (1,22). Não nos enganemos a nós mesmos, a Palavra sempre chega para transformar: “A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes. Penetra até dividir alma e espírito, articulações e medula. Julga os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4,12).

Viver a Vida Consagrada no mundo, sendo profetas a serviço da vida e da justiça, é tornar a Palavra *coisa* e *matéria*. A prática profética da justiça abre novamente o horizonte para aqueles que perderam o sentido da vida e a esperança de viver.

Vida Consagrada é espaço da profecia chamado para estar no meio da humanidade, com os excluídos. Quando alguém é excluído, sente-se fraco e sem forças. O profeta vê nascer o seu poder quando se vê fraco, excluído e abandonado ante o Senhor e os demais. Quando sua voz parece

não ser ouvida, ele encontra a sua força em Deus. O auge da fraqueza de Jesus é quando se encontrou só e abandonado na cruz. Fez-se pecador e fraco para toda a humanidade. Mas esse gesto de pobreza se transformou em vida abundante para todos, quando da sua ressurreição.

O profeta nos dias de hoje anuncia, com sua *palavra-vida*, que o lugar santo não é o Templo, mas são as pessoas, os pobres e pequenos. A salvação, a bondade e o amor de Deus são para todos. A Vida Consagrada encontra seu sentido de viver vivendo a profecia que a inspira:

- A Consagração é a unção de Deus para o povo.
- A Profecia é o núcleo da Consagração.
- O lugar do consagrado e consagrada é onde estão as dores do mundo. Assim viveram os nossos fundadores e seguidores.
- O/a consagrado/a não deixa morrer essa esperança e a confiança.
- O/a consagrado/a faz-se presença entre os pobres para que aconteça a justiça e ela seja consolidada em todos os povos e em todo o Planeta (criação).
- O/a consagrado/a é porta aberta para que, por ela, entrem principalmente os pobres e injustiçados. É mesa de inclusão à qual todos têm acesso e podem partilhar do mesmo pão, participar da mesma festa.

Os Consagrados e as Consagradas que se deixam plasmar pela Palavra se tornam, junto aos pequenos, “palavra de vida e de salvação” e, como *discípulos e missionários*, anunciadores da *vida em abundância*.

A Palavra de Deus é o “fio de ouro” da VRC. É brisa, é fogo, é tesouro, é lâmpada, é pão, é espada de dois gumes.

**Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade:**

1. O que este artigo lhe provocou?
2. Como nos deixar “plasmado” pela Palavra?
3. Que lugar ocupa a Palavra de Deus em sua comunidade e na missão?
4. Como se manifesta a Profecia, hoje, em nossa vida?

LUÍS I. J. STADELMANN, SJ\*

\* **Pe. Luís Stadelmann, SJ**, é professor de Sagrada Escritura. **Endereço do autor:** Colégio Catarinense, CP. 135, Rua Esteves Júnior, 711, CEP 88010-970, Florianópolis-SC. Tel. (48) 3222-6068.

1. O adjunto adnominal “espírito” é acrescentado à palavra: “pobres”. Esse adjunto está no dativo em grego, com função de “dativo de relação, interesse” (i.e., a serviço de). A locução prepositiva “estar a serviço de” indica uma situação em estado ativo ou passivo, em postura, circunstância ou condição. Daí que a situação dos “pobres” não provinha de um voto ou ideal religioso, mas do fato de serem refugiados em país estrangeiro.

No *Evangelho de Mateus* encontramos uma referência à situação dos cristãos refugiados em países fora da Palestina, engajados na expansão do Cristianismo e na implantação de comunidades de fé e comunidades éticas apesar de sua condição de pobres. A motivação de sua vivência da fé provinha da ação do Espírito de Deus. Por isso, São Mateus designa-os “pobres de Espírito”,<sup>1</sup> para ressaltar que estavam *a serviço do Espírito*, em vista do Reino dos Céus (Mt 5,3).

Não se trata de apregoar, com a bem-aventurança, a “virtude da pobreza” como condição para seguir Cristo, vivendo uma vida de desprendimento de bens temporais e atendendo às exigências da ascese cristã. Igualmente, não se visa inculcar a exemplaridade evangélica da pobreza como um dos caminhos da perfeição em solidariedade com Cristo. Em contraste com outros fugitivos que procuravam recuperar os bens temporais, confiscados pelos perseguidores dos cristãos na Palestina, indo em busca de riqueza, os fiéis da Igreja assumiram o compromisso de prosseguir na expansão da religião cristã, prestando sua colaboração numa ação conjunta com o Espírito Santo e na expectativa da grande recompensa no céu (Mt 5,12). Nesse sentido, são lembrados na história da Igreja nascente como “pobres a serviço do Espírito”, os protótipos dos missionários cristãos.

### *Método de ação pastoral entre os pobres*

Na perspectiva pastoral do apóstolo Paulo tem relevância especial o engajamento dos cristãos como portadores dos

dons da fé e da cultura. O próprio “apóstolo dos gentios” valorizava o título atribuído a ele pelos missionários cristãos (At 9,15). É ele que tem o mérito de organizar os catecúmenos, neófitos e os fiéis em comunidades cristãs. Embora seu itinerário seguisse um roteiro enveredando por diversas regiões do Império Romano, ele não se identificava com o missionário itinerante, porque, onde quer que ele se encontrasse com a população local, sempre estava atento a desempenhar a missão de *ensinar* os fiéis, transmitindo-lhes a vivência da fé, sem jamais perder de vista a fundação de comunidades estáveis. Elas valorizavam sua vocação à fé, inculturando seus temas na mentalidade eivada de mitologias, mas purificando-a da idolatria e substituindo as crenças supersticiosas com as inspirações do Espírito Santo, habitando em seu coração. Essas comunidades cumpriam à risca o programa de ação traçada pelos Apóstolos, porque estavam cômicos de que a vivência da fé se enraizaria à medida que todos os fiéis se engajassem na obra da expansão no meio das famílias, bairros e povoados. A estratégia que entre elas se impôs como regra geral era o ensino da *catequese*, visando angariar a juventude, para que entre os jovens e adultos amadurecesse uma fé autóctone. A ênfase era uma aprendizagem progressiva através de uma pedagogia participativa, cujo papel preponderante ficava a cargo dos celebrantes da liturgia. Daí que se vivenciava a presença divina pelo fato de que Cristo Ressuscitado atuava pelos sacramentos e a força do Espírito Santo tinha sua influência no culto de adoração onde as atitudes de religiosidade litúrgica expressavam, com vitalidade empolgante, uma *religião* viva, visando submeter a Deus a alma humana com suas faculdades, mas, sobretudo, a inteligência e a vontade. Sua finalidade é realçar a vivência da fé na qual se vislumbra a transcendência, mas cuja distância se encurta para os fiéis que se servem da virtude da religião como degrau para subir à presença de DEUS, o SENHOR, o Autor da Aliança sagrada. O duplo objetivo da obra missionária dos cristãos é delineado pelo Apóstolo Paulo nos seguintes termos:

Cf. ZERWICK, M. *Biblical Greek* (English edition adapted from the fourth edition by J. Smith, SJ). Roma: Pontifical Biblical Institute Press, 1963, n. 51-65. É de notar que a palavra “Espírito” tem maiúscula porque designa o Espírito Santo.

“Irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, digno de respeito ou justo, puro, amável ou honroso, com tudo o que é virtude ou louvável. Praticai o que de mim aprendestes e recebestes, ouvistes e em mim observastes. E o Deus da paz estará convosco” (Fl 4,8-9).

O lastro cultural é descrito em termos de objetivos e atitudes humanas que manifestam o que é “verdadeiro, digno de respeito ou justo, puro, amável ou honroso, com tudo o que é virtude ou louvável”. Quanto aos dons da fé, são mencionados a pregação e o exemplo da vida de São Paulo, que manifestam sementes de doutrina das quais brotarão as primeiras raízes de ensinamento cristão, junto com atitudes humanas, que se estampam no comportamento e na atividade missionária e serviram de inspiração aos fiéis na liturgia e no trato com os cidadãos, na vida pública. Não há dúvida de que uma fé viva sempre precisa de mestres de ensino que transmitam os temas da catequese à maneira de “modelo”, e não de meros pedagogos falando da boca para fora. Além disso, a vida dos fiéis valoriza os traços tipicamente cristãos, ressaltando o relacionamento com o “próximo”, sem resquícios de elitismo, exclusivismo ou comportamento exotérico, discriminando entre carismáticos e prosélitos. Há uma ênfase nas qualidades humanas inerentes em cada indivíduo, para que se comporte de maneira honrada, correspondente à sua dignidade pessoal. A referência ao “Deus da paz” tem por finalidade explicitar a graça divina, oferecendo condições propícias para o relacionamento dos fiéis com o mundo, com o próximo e com Deus. São, portanto, três âmbitos onde se desenvolve a vida humana: a ecologia do meio ambiente, a ecologia humana e a ecologia espiritual. Não consistem em compartimentos estanques, mas estão inter-relacionados na vida cotidiana. O relacionamento com Deus, como ensina a religião cristã, dele nos aproxima, mostrando que seus valiosos dons devem ser partilhados com os outros. Na verdade, Deus estará conosco, não meramente por simpatia, mas pela comunicação da fé.

A aplicação dessa exortação de São Paulo tem que ser inserida no contexto cultural do Império Romano, onde os

escravos eram os portadores da cultura greco-romana para todos os povos. É bom lembrar que naquela época havia cento e vinte milhões de escravos a serviço de cinco milhões de capatazes. Doravante, não compete unicamente aos escravos exercer a tarefa de levar o lastro cultural aos povos do Império Romano e aos habitantes de outros países, mas também aos cristãos, encarregados de difundir a cultura e os dons da fé cristã pelo mundo. Com efeito, dessa iniciativa originou-se a *cultura cristã* e toda a *civilização do Ocidente*. Em meio às perseguições, o Cristianismo corria grande perigo, num confronto hostil com o paganismo que se debatia com os estertores de suas crenças, em franco declínio, diante dos novos valores da fé cristã que foram conquistando o coração e a mentalidade dos povos e suplantando a barbárie dos gentios.

#### a) Os pobres não são o proletariado da Igreja

O fator decisivo da expansão cada vez mais crescente da religião cristã era superar basicamente o deslizamento para a condição de proletariado. Pois a religião cristã não devia servir de desculpa para endossar a resignação fatalista, reduzindo os pobres à inércia e nivelação por baixo do estrato social do povo. Na verdade, desde os inícios do Cristianismo havia diáconos que serviam os famintos na fila dos carentes, dando-lhes comida e instruindo-os na fé cristã (At 6,1-2). Daí que o alimento do corpo era completado com o alimento da alma. Tão necessário era suprir as carências vitais, quanto ao sustento do corpo, como buscar o alimento espiritual, pela atividade pastoral dos diáconos. Foram instituídos pela liderança eclesial para desempenharem o papel de vinculação da religião cristã com a *prática pastoral*. É que a linguagem religiosa do Cristianismo visava aos pobres na sua condição concreta de oprimidos pela sociedade, ansiosos pela salvação, como dom de Cristo, o Salvador da humanidade. Visava-se salvaguardar, a todo custo, a espiritualidade religiosa da fé, para evitar o perigo de nivelação da religião à condição de um supletivo humanista indispensável à convivência humana. Com efeito, o indivíduo inserido na



comunidade social jamais devia perder o sentido de seu vínculo íntimo com a comunhão divina. É essa a nobre tarefa que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) exercem na Igreja na América Latina a serviço do Reino de Deus.<sup>2</sup>

### b) A autoestima dos pobres

A contribuição significativa para o incentivo da *autoestima* dos pobres é o papel do *ensino da religião*. A inculturação dos temas da fé cristã na mentalidade dos catecúmenos devia fazer-se pela pedagogia entre pais e filhos, pelos catequistas dos jovens e adolescentes, e por teólogos da Igreja. Na verdade, o ensinamento da religião baseava-se nas convicções das pessoas e da comunidade, empolgada pela inspiração do Espírito Santo. Não eram meramente artigos de fé do catecismo, e, sim, uma reinterpretação da linguagem da fé de cada um dos fiéis relacionada com os ideais mais nobres de suas convicções pessoais. Havia uma criatividade na hermenêutica dos conteúdos conceituais expressos pelos pais ensinando a fé aos filhos para que pudessem compreender o teor e a relevância para sua vida pessoal e social. Ora, a mãe que ensinava o catecismo e alimentava os filhos assumia uma função de mestra da fé que entre os gentios não existia, porque as crenças pagãs eram transmitidas pelo folclore.

### c) O voto de pobreza

Nas ordens e congregações religiosas impõe-se aos candidatos emitir o *voto de pobreza* como gesto de desprendimento dos bens pessoais e sinal de doação a Deus. Entretanto, a ênfase está na troca por algo mais precioso, isto é, o dom da amizade preferencial para com Deus, e não no despojamento de tudo o que o candidato angariou nos anos de vida pelo trabalho, pela herança ou economia. Deus, por benevolência, distribui seus dons, sem exigir uma contrapartida, seja pelos votos de entrega pessoal ao seu serviço no apostolado, seja em testemunho de uma virtude heroica de amor ao próximo. O voto de pobreza é um gesto concreto de seguimento de Cristo como discípulo, que mostra sua conformidade com *Cristo pobre*.

2. Cf. LOPES DE MENEZES, D. H. A crítica da religião em Paul Ricoeur e as CEBs como evento de linguagem. REB, fasc. 285, vol. 72, p. 199-208, jan. 2012.

O traço marcante do estilo de vida de Jesus Cristo é de pobreza, como foi seu nascimento na gruta, em Belém, seu trabalho na oficina de carpinteiro, em Nazaré, e sua atividade messiânica, por três anos, até a sua morte na cruz. Os apóstolos, representantes de Cristo e seus sucessores, eram pobres pescadores. Não estavam à altura de sua tarefa: fracos na fé, além disso, eles abandonaram o Divino Mestre no momento crucial de seu martírio. A comunidade cristã inicialmente se consistia de gente de condição social modesta, procedente da Palestina, que não estava incluída no rol das províncias do Império Romano. O motivo que desperta a vocação ao seguimento de Cristo é a vitalidade e o dinamismo do Espírito Santo, atuando na Igreja nascente desde a sua presença entre os fiéis, como dom do Cristo Ressuscitado. O fator determinante do espantoso crescimento do número de cristãos é o dinamismo interno da Igreja, não havendo proporção entre as precárias condições no início e tão grande florescimento, após tão breve tempo (Mc 4,26-32). Surgiram, assim, as vocações entre os fiéis que se prontificaram em colaborar na obra de implantação e expansão da Igreja, a serviço da construção do Reino de Deus. Apesar da pobreza do Divino Mestre associando os discípulos em torno de si, para ser ouvido pelas multidões, a mensagem de Cristo conquistou o mundo e a Igreja tornou-se uma instituição de alcance universal. Houve perseguições externas e conflitos internos que não conseguiram abafar a vitalidade da Igreja, a força vital de Cristo, transmitida aos fiéis pela vida sacramental e assistência do Espírito Santo. Os missionários, empolgados com o seguimento de Cristo, não restringiam seus ideais de evangelização aos estreitos limites de pobreza, e, sim, com grandiosa generosidade e fervor redobrado, se dedicavam a superar as limitações, imprimindo uma *dimensão comunitária* à realização dos objetivos, que ultrapassavam a capacidade individual dos protagonistas. Eis por que o seguimento de “Cristo pobre” impõe um limite às pretensões ambiciosas de realizar projetos grandiosos com suas próprias forças. Citamos as palavras do salmista que recomenda a virtude da confiança em Deus, na realização de projetos que ultrapassam a capacidade humana:

<sup>1</sup>SENHOR, meu coração não é orgulhoso,  
e meu olhar não é soberbo;  
não ando à procura de grandezas,  
ou de maravilhas que me ultrapassam.

<sup>2</sup>Antes, me acalmei e moderei a minha alma;  
como a criança saciada está para sua mãe,  
assim a minha alma – como essa criança – está para mim.

<sup>3</sup>Israel, espere no SENHOR,  
desde agora e para sempre! (Sl 131).

### *A ação pastoral no Evangelho de Lucas*

O Evangelho de Lucas apresenta a Igreja, que, fundada por Jesus Cristo, integra os oprimidos pela doença e pobreza, ou por culpas passadas; arrependimento e perdão estão entre as características marcantes da comunidade de fiéis que professam a religião cristã. Aparece aí a intenção de São Lucas de opor-se terminantemente à opinião, tão em voga entre os historiadores da época, nos países da cultura pagã, que sustentavam a tese de que, com os pobres, os deserdados, excluídos e marginalizados, seria impossível formar uma nação soberana, uma cultura superior. Pois as instituições e autarquias estatais só poderiam sustentar-se e exercer sua influência sobre todos os setores do Estado com a colaboração de cidadãos da elite. Havia consenso entre os habitantes dos países da cultura ocidental de então de que o direito de cidadania era base da dignidade pessoal, não se reconhecendo, assim, a dignidade dos excluídos, desprovidos da cidadania.

#### **a) Os enfermos depauperados**

Surge o desafio de restaurar a perspectiva do Cristianismo sobre os aspectos da vida humana que na sociedade passam ao esquecimento: os enfermos e paraplégicos, os idosos e os desprovidos de recursos necessários ao sustento. O motivo de englobar os enfermos na camada dos pobres da população era um dos problemas muito prementes na Antiguidade, porque não havia uma autarquia estatal dedicada à

assistência social entre os povos de então. Para enfermos afetados por doenças contagiosas, infecções crônicas e deficiências físicas ou mentais não havia instituições do Estado; eles eram tratados em sua família ou afastados do convívio social, relegados à quarentena. Acresce o estigma que piorava a situação deles devido às crenças em voga de que as doenças eram causadas pelo demônio, de sorte que o perigo de contágio devia ser evitado pelo ostracismo. Acreditava-se que o sofrimento tinha sua causa na culpa do indivíduo, embora não se lembrasse de ter, mesmo por inadvertência, cometido uma transgressão da lei divina. Quem adoecia de uma doença grave já previa o destino trágico de sua exclusão da sociedade, sem tratamento médico e muitas vezes sem sustento, relegado pelos familiares ao “monturo”, como Jó se lamentava em suas crises de abandono (Jó 30,15-31). Outros ficaram depauperados por causa dos altos custos do tratamento de saúde, sem melhoria alguma (Lc 8,43-44), ou de terapias inacessíveis ao comum do povo. A importância da solicitude pelos enfermos começou com a cura dos doentes durante a vida pública de Jesus, demonstrando a dimensão salvífica da religião cristã, e continuou, na Igreja, desde então até os tempos de hoje, com a pastoral dos enfermos.

A Pastoral da Saúde e a Pastoral dos Enfermos exercem um papel insubstituível no atendimento dos pacientes encaminhados aos centros de assistência social do Estado, ao tratar de integrá-los na comunidade dos fiéis. O motivo de grande influência na vida cristã é sua espiritualidade, em *contrapartida* à oração comunitária de intercessão pelos enfermos. Era importante porque, rezando por eles a comunidade, os necessitados venciam a resignação fatalista, o desespero ou a revolta contra os desígnios de Deus. A oração formulada por palavras insistentes inclui também os sentimentos que brotam da dor e assim fazem deles uma oblação pessoal a Deus, na intercessão de súplica, com pedidos pela recuperação de saúde. Os dons e graças que Deus concede aos seres humanos procedem de sua benevolência e generosidade; mas pedem, no contexto da vida social, o reconhecimento aos benefícios recebidos. Não só a comunidade dos cristãos, mas a sociedade como um todo, se beneficia da enfermidade

dos fiéis, porque deles aprendem a valorizar a vida, embora sofrida, sem o covarde e desesperado recurso à eutanásia ou suicídio. A vida, como dom de Deus, é de grande valor por seu testemunho de fé e esperança. Na hora do desenlace, a vida é devolvida ao Criador, que, com divina compensação, retribuirá a cada um conforme seus méritos.

### b) As áreas de risco

Um traço marcante do Evangelho de Lucas é a fundamentação da religião cristã como instituição da salvação divina e não meramente como movimento de religiosidade. Nesse contexto religioso, tem relevância toda especial a iniciativa de Cristo de estabelecer os critérios da Religião de Salvação em lugar das religiões de servidão em voga até então (no Egito, Mesopotâmia, Canaã, Grécia e Roma). No antigo mundo semita vigorava a crença de que as terras habitadas estariam circundadas por áreas de risco, tidas como postos avançados da morte: alto-mar, deserto, cemitério e doença. Infestadas, segundo as credences da superstição vigente, por forças naturais infensas, sob o maléfico domínio dos maus espíritos, essas áreas, subtraídas à presença e atuação divina, eram evitadas como ambiente nocivo à vida humana. Ninguém se aventurava a demorar ali por causa do ambiente nocivo que ameaçava a vida humana não somente devido à periculosidade das forças naturais nefastas, mas principalmente devido à presença maléfica dos demônios que rondavam por lá. É que, segundo a superstição, essas áreas de risco estariam impenetráveis ao domínio de Deus, e por isso estariam à mercê da influência dos demônios que as infestavam na procura de almas para devorar. Daí que Cristo, como Salvador, ostensivamente entrava em contato com todas essas áreas de risco: “alto-mar” (Lc 8,24);<sup>3</sup> “deserto” (Lc 4,1-13); “cemitério”: cura de endemoninhados (Lc 8,26-39) e doentes (Lc 4,40-41; 7,11-17; 9,37-43).

É notável a iniciativa do Cristianismo de acoplar ao Reino de Deus a dimensão missionária, penetrando em áreas de risco: viagens de missionários cristãos em alto-mar, na travessia para outras margens (Lc 8,22); pelos oásis do deserto,

3. A palavra hebraica *yam* designa “mar” e “lago”, que corresponde ao grego *qalassa* - *talassa*; nos livros do NT ocorre o termo grego *talassa*, com a variante do termo grego: *limnh* - *limne* para designar o “lago” no Evangelho de Lucas e no Apocalipse. Dois rios eram chamados em hebr.: *nahar* ou *yam* (Nilo e Eufrates), penetrando terra adentro na foz como “braços do mar”.

que abrigavam as ermidas dos monges; no cemitério das catacumbas, onde se localizavam os túmulos dos mártires; na assistência social dos enfermos, internados em hospitais e clínicas.<sup>4</sup> A título de prioridade dos agentes de pastoral eram atendidos os cristãos como também os necessitados sem religião alguma, já que o sofrimento abria-lhes as portas de acesso à misericórdia de Deus.

### c) A Aliança de Deus com seu povo

Um dos elementos institucionais da religião do AT e NT tem algo em comum quanto à revelação da natureza e dos atributos de Deus em sua relação com as comunidades de fé e as comunidades éticas que incorporam também os pobres, aflitos e oprimidos. Entretanto, para não ficar reduzido a mero sentimento, foi instituída a Aliança de Deus com seu povo, comprovando a bondade divina que extravasa em *misericórdia* para com os fracos e pecadores arrependidos, e de *amor* para com os fiéis engajados com a vivência da fé e a prática religiosa da comunidade do Povo Eleito e da Igreja. Desde que a Aliança mosaica foi estabelecida no Sinai (Ex 19,5-6),<sup>5</sup> comprovou-se sua eficácia na obra da salvação divina entre os fiéis do Povo Eleito, durante todos os séculos de sua vigência no AT, até ser instaurada a “nova Aliança” no sangue de Cristo durante a Última Ceia (Lc 22,20), marco inicial do NT. O projeto de Deus permanece, a Aliança continua, mas tornada “nova”. Mantido o fato bíblico fundamental, da Aliança de Deus com seu povo, Cristo, ressuscitado, assume o compromisso de levar adiante a obra de salvação com a comunidade dos cristãos, a ele vinculados na fidelidade do Batismo,<sup>6</sup> sob o impulso do Espírito Santo. Continua em vigor, com as devidas alterações, a amizade de Deus com os homens, firmada por Aliança, e a adesão pessoal dos fiéis à mediação do Salvador.

A ineficácia da Lei mosaica (*Torá*), bem como da Aliança do Sinai, para a “justificação” do Povo Eleito e de toda a humanidade, é a razão de sua substituição pela obra salvífica de Cristo. Assim, perdem sua centralidade a Aliança do Sinai, a Lei mosaica e o Judaísmo.<sup>7</sup> Na celebração da Santa

4. As escavações arqueológicas nos antigos cemitérios públicos e privados da cidade de Londres e alhures descobriram restos mortais de esqueletos deformados por causa de doenças infecciosas e degenerescência da estrutura óssea, cujas vítimas eram tratadas por monges e irmandades em asilos, em tempos idos desde a Antiguidade e na Idade Média.

5. A celebração da Aliança sagrada foi comemorada na liturgia anualmente na festa da Páscoa. Após o Exílio (538 a.C.) foi instituída, em Israel, a festa da Renovação da Aliança, que hoje é simultânea à da vigília de Pentecostes. Ora, a data da festa do fim do Exílio coincide com a promulgação do decreto de Ciro, o imperador da Pérsia, que permitiu a repatriação dos judeus exilados na Babilônia (após 50 anos de ausência) e concedeu a licença

de reconstruírem o Templo de Jerusalém, como consta na Bíblia (2Cr 22,22-23).

6. Convém não esquecer o ensino do Catecismo sobre o sacramento do Batismo, especificando que o “batismo de sangue” (martírio) e o “desejo do batismo” apagam o pecado original e transmitem a graça da salvação eterna (Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1258).

7. Cf. PESCE, M. As duas fases da pregação de Paulo. São Paulo: Loyola, 1996. p. 105-107.

8. A grande inovação de Cristo foi instituir a celebração da Eucaristia como sacrifício incruento, na forma de um rito que antecipa a sua oblação na Sexta-Feira Santa no Calvário como sacrifício cruento na cruz.

Missa é, através dos séculos, celebrada a Nova Aliança de Cristo,<sup>8</sup> porque cada geração está a caminho da eterna salvação, estando a fé e a vida interligadas na prática da religião cristã.

### Conclusão

Para concluir, remetemo-nos às palavras de Cristo que transmite a mensagem da Boa-Nova aos pobres com a motivação de que “deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). Na verdade, o “Reino dos Céus” é uma expressão típica do Evangelho de Mateus, que ocorre 21 vezes, ao passo que nos outros Evangelhos se diz “Reino de Deus”, mas o sentido é o mesmo. É uma peculiaridade do Judaísmo de então que substitui o nome inefável de DEUS O SENHOR (hebr. YHWH *‘elohím*) por “Céus”. Entretanto, o “Reino de Deus”, porque espiritual, é invisível, precisando da Igreja para manifestar que os membros desse “Reino” não são somente os “redimidos”, que a ele pertencem pelo Batismo, seja o Batismo de água, seja, em casos especiais, o “batismo de desejo” ou o “batismo de sangue”.

A relevância do “Reino de Deus” consiste na missão da Igreja que deve servir como *mediação* dos dons salvíficos e *paradigma* de salvação para todos os povos, e não restringir sua ação em favor de uma elite de fiéis. Pois os membros da Igreja e do Reino de Deus são designados “Povo de Deus”. Por isso, em âmbito local fala-se da “Igreja particular”, mas em âmbito mundial se menciona o “Povo de Deus”.

A missão dos fiéis da Igreja de transmitir a Boa-Nova aos povos do mundo inteiro cabe aos “pobres a serviço do Espírito”, e não aos pregoeiros sectários que usurpam essa função para fins de proselitismo. Por isso é que o magistério da Igreja deve acompanhar todas as facetas do ministério da evangelização, porque os fiéis são portadores da libertação e dos dons da mensagem de salvação divina.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Os pobres do apostolado na Igreja em solidariedade com os pobres do país para angariar um maior número de missionários engajados na evangelização entre a população do mundo.
2. O voto de pobreza é um gesto concreto de seguimento de Cristo como discípulo, que mostra sua conformidade com Cristo pobre.
3. A contrapartida do voto de pobreza poderia ser a dimensão comunitária com que os missionários se empenham na obra da expansão do Cristianismo. É que o seguimento de “Cristo pobre” impõe um limite às pretensões ambiciosas individuais de realizar projetos grandiosos com suas próprias forças.



## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.